



Carolina Mendes Campos Oliveira

**Entre o tradicional e o contemporâneo:
as mudanças do casamento na visão de
jovens solteiros**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof. Terezinha Féres Carneiro

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2005



Carolina Mendes Campos Oliveira

**Entre o tradicional e o contemporâneo:
as mudanças do casamento na visão de
jovens solteiros**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Terezinha Feres-Carneiro
Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Bernardo Jablonski

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof^a. Maria Lucia Rocha-Coutinho

Instituto de Psicologia - UFRJ

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, / /2005

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Carolina Mendes Campos Oliveira

Graduou-se em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2002. Participou de pesquisas no laboratório de neurociências da PUC-Rio durante dois anos. Autora do artigo “Como diz Gilberto Gil: A fé não costuma falhar” do livro A Nova Velhice, organizado por Tereza Creusa Negreiros, Editora Revinter, 2003.

Ficha Catalográfica

Oliveria, Carolina Mendes Campos

Entre o tradicional e o contemporâneo : as mudanças do casamento na visão de jovens solteiros / Carolina Mendes Campos Oliveira ; orientadora: Terezinha Feres Carneiro. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Psicologia, 2005.

105 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia.

Inclui referências bibliográficas.

1. Psicologia – Teses. 2. Jovens solteiros. 3. Casamento. 4. Mudanças. 5. Tradicional. 6. Contemporâneo. I. Carneiro, Terezinha Féres. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Para minha pequena, porém grande, família.

Agradecimentos

À Terezinha Féres Carneiro, minha orientadora, por sua atenção, incentivo e cuidado.

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos professores e funcionários do Departamento de Psicologia, pela enorme disponibilidade em ajudar.

Aos colegas de mestrado, pelo incentivo e pelos momentos compartilhados.

À Gabriela, Joan e Thiago, pelo incansável estímulo.

Aos jovens que entrevistei, pelo tempo disponibilizado e por terem dividido comigo um pouco de suas idéias e projetos futuros.

Resumo

Oliveira, Carolina Mendes Campos; Feres-Carneiro, Terezinha. **Entre o tradicional e o contemporâneo: as mudanças do casamento na visão de jovens solteiros.** Rio de Janeiro, 2005. 105p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esse trabalho se propõe a investigar o posicionamento que os jovens solteiros têm frente às marcantes mudanças que alteraram o significado do casamento, principalmente, ao longo das últimas décadas. Para tal, realizamos um estudo de campo utilizando entrevistas individuais cujos temas envolviam: definição de casamento; casamento na época dos pais e avós; avaliação das mudanças do casamento para a sociedade atual; efeitos da separação e do divórcio. A opção de escutarmos os jovens solteiros foi feita pelo fato de os considerarmos representantes da geração dos que podem concretizar, manter ou reformular essas mudanças, uma vez que se encontram frente à possibilidade do casamento. Realizamos, inicialmente, um breve levantamento bibliográfico a respeito do casamento no início do século XX, contrapondo, em seguida, esse modelo ao observado nos dias atuais. Discutimos, também, os desdobramentos que a modernização e a ideologia individualista tiveram nesse processo de mudanças. Em um outro momento, nos voltamos para a figura dos jovens solteiros, apontando a importância de ouvi-los e destacando algumas influências familiares e sociais que poderiam interferir em seus pontos de vista. As entrevistas revelaram que o posicionamento desses jovens frente ao casamento é influenciado por diferentes valores, sendo o principal objetivo destes sujeitos a busca da felicidade, independente do caminho escolhido ser mais conservador ou mais liberal.

Palavras-chave:

Jovens solteiros – casamento – mudanças - tradicional – contemporâneo

Abstract

Oliveira, Carolina Mendes Campos; Feres-Carneiro, Terezinha. **Between the tradition and the contemporary: the changes of marriage in the view of single young people.** Rio de Janeiro, 2005. 105p. MSc. Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The purpose of this study is to investigate the young people's position on the significant changes that have altered the meaning of marriage, mainly in this last decade. Consequently a field study was made using individual interviews whose theme involved: a definition of marriage; marriage at the time of their parents and grandparents; an evaluation of the changes in marriage in modern society; effects of separation and divorce. The choice of interviewing single young people was because we consider them as representatives of a generation that may substantiate, maintain or reformulate these changes, once they are faced with the possibility of a marriage themselves. Initially, we carried out a bibliographic survey on marriage at the beginning of the 20 th century, comparing this model to the ones nowadays. The unfolding of modernization and the individual ideologies were also discussed in this process of transformations. In another moment, we focused on the figure of the single young people, pointing out the importance of listening to them and what their opinions were according to their family influences and also as regards the social aspects that might have interfered in their points of view. These interviews revealed that the position of these young people on marriage is influenced by different values, of which the main purpose is the search of happiness, independent of the way chosen, may it be more conservative or more liberal.

Keywords:

Single young people – marriage – changes – tradition – contemporary

Sumário

1 INTRODUÇÃO	10
2 O CASAMENTO	14
2.1. MODELO TRADICIONAL: O CASAMENTO “À MODA ANTIGA”	14
2.2. MODELO CONTEMPORÂNEO: AS NOVAS CONFIGURAÇÕES	17
3 O PROCESSO DE MUDANÇAS	21
3.1. A MODERNIZAÇÃO	21
3.2. O INDIVIDUALISMO	27
4 O JOVEM SOLTEIRO	36
4.1. QUEM É E POR QUE OUVI-LO?	36
4.2. INFLUÊNCIAS FAMILIARES NA VISÃO DE CASAMENTO DOS JOVENS SOLTEIROS	40
4.3. INFLUÊNCIAS SOCIAIS NA VISÃO DE CASAMENTO DOS JOVENS SOLTEIROS	44
5 ESTUDO DE CAMPO	49
5.1. SUJEITOS	49
5.2. INSTRUMENTO	51
5.3. PROCEDIMENTO	51
5.4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	52
5.5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	53
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102

(...) Apenas, para terminar seu pensamento, lembrou-se de que uma vez, numa roda viril, um homem dissera com ênfase cômica e inesperada: “Estou convencido de que a gente se casa só para fugir à solidão”. Um jovem senhor desquitado, presente a essa conversa boba, sorriu com experiência e sarcasmo, e enganchou nas consciências a interrogação final: “E você acha isso pouco?”

Paulo Mendes Campos, *O Cego de Ipanema*

1 Introdução

O interesse por esse tema de pesquisa teve início através do estudo das várias transformações observadas no casamento, que, devido a sua rapidez e profundidade, permitiram a identificação de modelos distintos de relacionamento em um curto espaço de tempo. A noção de casamento do início do século XX estava imersa em valores tradicionais, que vinculavam o seu significado à legalização formal sacramentada pela Igreja. Assim, a maioria das pessoas compartilhava de uma mesma definição, permitindo a manutenção de uma instituição aparentemente inabalável. Por outro lado, hoje, a noção de casamento encontra-se associada à pluralidade de novos arranjos. O uso do termo casamento passou a designar várias configurações de relacionamento, abarcando desde o padrão tipicamente tradicional aos mais contemporâneos e inovadores (casais morando em casas separadas, casais homossexuais, casais recasados etc.).

Partindo dessas observações, o presente trabalho tem como objetivo estudar a posição dos jovens solteiros frente a essas marcantes mudanças que vêm alterando o significado do casamento em nossa sociedade.

Um dos aspectos mais característicos do casamento na atualidade diz respeito à ampliação do campo de possibilidades de escolhas dos cônjuges. Se no início do século XX, a noção de casamento estava restrita a um modelo quase que “exclusivo” de relacionamento, hoje, o indivíduo que se aproxima desta possibilidade tem a oportunidade de escolher não só o parceiro, mas também a forma dessa união e seu significado.

Devemos ressaltar, porém, que para discorrer sobre essas mudanças, não podemos nos ater a falar das rupturas com os padrões considerados obsoletos, mas devemos também considerar a existência de continuidades (Biasoli-Alves, 2000). Vemos, hoje, que características tradicionais e contemporâneas do casamento encontram-se entrelaçadas no cotidiano de diversas famílias, demonstrando ora a necessidade da substituição, ora a necessidade da manutenção de valores. Talvez, o objetivo maior de romper com a tradição esteja ligado às características hierárquicas e autoritárias deste modelo. Em contrapartida, vários outros aspectos tradicionais são freqüentemente reproduzidos, convivendo com a diversidade de valores que impera nos ideais contemporâneos de relacionamento.

Um exemplo bastante atual diz respeito ao formato das uniões. Sabemos que o número de pessoas que descartam tanto a cerimônia, quanto a legalização formal do casamento tem aumentado significativamente nas últimas décadas; em contraposição, há os que pretendem fazê-lo e constatam que para marcar uma cerimônia de matrimônio em algumas das mais tradicionais igrejas da cidade do Rio de Janeiro, é preciso contar com a antecedência de, pelo menos, um ano. Este é apenas um dos vários exemplos de que a atualidade é composta por noções heterogêneas, que articulam aspectos tradicionais com outros tantos inovadores, permitindo que as tradições possam, também, estar “em moda” nos dias de hoje.

Diante desse panorama caracterizado pela pluralidade, consideramos pertinente ouvir a geração dos que ainda não vivenciaram a experiência do casamento, pois assim teríamos a oportunidade de compreender como estes valores contrastantes, que caracterizam a mudança, são organizados na visão de quem se encontra frente a esta possibilidade. Decidimos ouvir os jovens solteiros, já que eles representam a geração dos que podem concretizar, manter ou reformular as mudanças descritas, visto que ainda irão realizar as suas escolhas.

Dessa forma, as transformações processadas no século XX destacaram-se pela velocidade acelerada e por seu profundo impacto na vida da sociedade. Um fator que colabora para o convívio de valores contrastantes do casamento no contexto dos jovens solteiros refere-se ao aumento da expectativa média de vida, que teve seus índices elevados significativamente ao longo das últimas décadas. Assim, a maioria dos jovens de hoje tem a oportunidade de conviver com duas ou até mais gerações, verificando a existência de modelos e valores distintos de relação, através das experiências de pessoas próximas. Podemos considerar que os jovens solteiros têm, na figura de seus pais e avós, símbolos da tradição e da transformação representados em suas vidas.

Visando obter uma maior compreensão sobre esse tema, buscamos, primeiramente, explicitar os valores tradicionais que caracterizavam o casamento “à moda antiga” na sociedade brasileira no início do século passado. Realizamos um breve levantamento bibliográfico de aspectos identificados desde o final do século XIX ao início do século XX. Em oposição a esta conjuntura, comentamos as mudanças ocorridas ao longo do último século, que permitiram a criação de novos modelos de relacionamento. O fato de denominarmos este segundo modelo de contemporâneo significa que estamos nos referindo ao contexto atual e às

características que circunscrevem o significado do casamento na presente conjuntura. Destacamos questões referentes à influência da religião, à escolha dos cônjuges, à influência das famílias de origem, ao amor, à sexualidade e às diferenças de gênero.

Procurando esclarecer o significado do casamento na atualidade, discutimos, no capítulo seguinte, os desdobramentos do processo de modernização, bem como a difusão da ideologia individualista. Esses dois temas têm uma relevância estrutural para a compreensão da nossa questão, levando-se em conta que eles são freqüentemente citados como o principal pano de fundo das modificações globais identificadas na sociedade do século XX.

Quanto ao processo de modernização ressaltamos questões referentes ao estabelecimento das esferas do público e do privado, às modificações no papel da família e sua nova função de refúgio da afetividade e às repercussões do capitalismo e da globalização para a vida da sociedade.

Já com relação à difusão da ideologia individualista, destacamos aspectos relacionados às mudanças na escolha dos parceiros, à tendência de isolamento das famílias modernas, às diferenças entre os gêneros, à emancipação feminina e às conseqüências do individualismo para a vida conjugal.

Num outro capítulo, nos voltamos para a figura do jovem solteiro procurando esclarecer quem é este sujeito e o porquê de considerarmos importante ouvi-lo. A maior parte dos estudos realizados na área de família e casal está concentrada em temas ligados às estruturas familiares existentes (papéis, percepções, expectativas, frustrações) e nas posteriores dissoluções de uniões (os impactos da separação e do divórcio, a reformulação de papéis, a possibilidade do recasamento). Essa tendência dos temas se justifica por se considerar que o advento das pesquisas nesta área ocorreu, justamente, no mesmo período em que assistíamos ao crescente aumento no número de divórcios. O futuro da família e do casamento foi colocado em questionamento, dividindo a opinião dos pesquisadores. Uns consideravam as mudanças como um sinal de crise, outros ressaltavam que o delicado momento era parte de um processo progressivo de redefinição destas estruturas.

Neste sentido, acreditamos que o foco atual mais representativo a ser pesquisado está situado na figura dos jovens solteiros, uma vez que eles se encontram na fase que antecede o casamento. Buscamos discutir algumas questões

que, a nosso ver, fazem parte do contexto de nossos sujeitos, e por isso, poderiam influenciar os seus pontos de vista sobre aspectos referentes ao tema casamento. Por um lado, destacamos as possíveis influências provenientes da convivência com os pais no contexto das famílias de origem; por outro, discutimos os desdobramentos do aumento da expectativa média de vida, que permitiu a ampliação do campo de referências dos jovens e o encontro geracional. Comentamos, enfim, as repercussões que as mudanças sociais provocaram na vida destes sujeitos, salientando aspectos como os novos arranjos conjugais, a separação e o divórcio, o individualismo e a questão profissional, a sexualidade e a relação amorosa, a tendência à descartabilidade e a manutenção da eterna juventude.

No capítulo seguinte, apresentamos a pesquisa de campo, por nós realizada, com 20 jovens solteiros de classe média da cidade do Rio de Janeiro, sendo metade do sexo feminino e metade do sexo masculino, com idades variando entre 20 e 25 anos. Fizemos entrevistas individuais, gravadas e posteriormente transcritas. O conteúdo das entrevistas passou por uma análise de discurso, na qual estabelecemos categorias que aproximassem as respostas similares, bem como destacassem as divergentes.

O objetivo da pesquisa foi analisar o sentido que os jovens solteiros dão aos diferentes valores, tradicionais e contemporâneos que compõem o contexto atual, em suas próprias concepções a respeito do casamento. Juntamente com o estudo feito na revisão bibliográfica, buscamos tecer algumas considerações em relação a este tema.

2 O Casamento

2.1. Modelo tradicional: o casamento “à moda antiga”

O modelo tradicional refere-se a determinados aspectos que são por nós percebidos como constantes dentro das descrições sobre o casamento, no período que vai do final do século XIX ao início do século XX. Dentro deste contexto, o casamento tinha sua noção sustentada pelo ideal de “para sempre”, estando vinculado à tradição e a rigidez na manutenção dos hábitos.

Segundo Giddens (1999 b), a tradição “estrutura o presente através de crenças e sentimentos coletivos compartilhados” (p.56). As práticas tradicionais forneciam uma estrutura de ação delimitada e aprovada pela sociedade, destinando aos indivíduos a função de reproduzi-las. Dentro desta compreensão, o casamento enquanto prática tradicional servia como escolha de vida da grande maioria das pessoas, uma vez que desviar deste caminho era desviar do modelo aceito.

As descrições que apresentamos não eram acatadas, na prática, por todos, porém representavam os valores compartilhados neste período de tempo específico. Esses valores serviam como referências fundamentais para as questões éticas e morais, funcionando como “guia” de conduta para os indivíduos em sociedade, incluindo os ditos desviantes, que só podiam ser assim considerados devido à existência destas normas.

O casamento era apresentado aos jovens como um “caminho natural”, mencionado por Giddens (1999 b), como sendo “um estágio da vida que se esperava que a ampla maioria atravessasse” (p.69). O casamento representava o ingresso dos cônjuges na vida social, já que o ato de se casar estava ligado à noção de responsabilidade, sendo visto como uma tarefa da fase adulta.

A Igreja representava uma contundente influência nas questões referentes ao casamento e considerava a sua principal função a procriação. A força desta influência pode ser exemplificada pelo fato de que, justamente, o que muitos entendiam por casamento nesta época, era o equivalente ao sacramento cristão do matrimônio.

Jablonski (1998) comenta a forte intromissão da Igreja em assuntos como a moral, a sexualidade e as normas de comportamentos “adequados” às famílias ao

longo dos tempos. O autor coloca que a adesão por parte das famílias às cobranças impostas pela Igreja não podia, ao certo, ser considerada como uma expressão de fé, ou como uma resposta de obediência e medo à autoridade exercida por ela. O fato é que, até tempos recentes, essa influência continuou a se manifestar e a Igreja, indiscutivelmente, foi uma das fortes divulgadoras e protetoras do ideal de casamento “para sempre”.

O casamento, durante muito tempo, teve como função a formação de alianças. Segundo Féres-Carneiro (1987), o casamento priorizava estabelecer uma ligação entre duas famílias e permitir que elas se perpetuassem, “muito mais do que satisfazer o amor de duas pessoas” (p. 252).

Em concordância, estudos realizados por Samara (1983) sobre a família paulista do século XIX revelam que o casamento visava à manutenção do status e da condição financeira das famílias.

“... os matrimônios se realizavam num círculo social limitado e estavam sujeitos a certos padrões e normas que agrupavam os indivíduos socialmente em função da origem e da posição sócio-econômica ocupada” (p.42).

Com relação às famílias consideradas tradicionais, Samara coloca:

“... quando se tratava de nomes importantes, os critérios de seleção levavam em conta um quadro de valores onde raça, riqueza, ocupação, origem e religião eram fatores altamente significativos” (p.44).

Os casamentos ocorriam em círculos sociais limitados e, em grande parte, eram determinados pela família dos cônjuges. A mesma autora fala da intensa influência dos pais, que tendiam a opinar de acordo com o grupo social e a raça dos pretendentes, nas decisões relativas às uniões. Biasoli-Alves (2000), pesquisando o universo das mulheres brasileiras no final do século XIX, também encontrou relatos que destacam a interferência das famílias na escolha dos cônjuges.

Desta forma, sendo o casamento concebido como um “contrato” entre famílias, aspectos como o amor encontravam-se dissociados deste contexto. Também a sexualidade era desvinculada da idéia de conjugalidade, encontrando o seu espaço nas relações extraconjugais ligadas à paixão e ao erotismo.

O ideal romântico, que nasceu na Europa no final do século XVIII e só tempos depois teve seus impactos percebidos no Brasil, veio instaurar uma mudança nas relações conjugais, trazendo o amor como condição primeira para o casamento. Tal ideal possuía como princípio as noções de liberdade e auto-realização, que garantiam aos indivíduos a possibilidade de escolher os seus parceiros. Uma nova perspectiva de casamento foi formulada, na qual era esperado que os cônjuges se unissem pelo amor mútuo, ou se assim não fosse, que, pelo menos, fizessem parecer (Féres-Carneiro, 1987).

A observação demonstra que as mudanças provocadas pelo amor romântico não alcançaram, na prática, efeitos tão idealizados quanto os seus pressupostos. Para Giddens (1992), o amor romântico serviu como reforçador da postura machista da sociedade. De acordo com o autor, este ideal intensificou a diferença entre os gêneros, por colocar a mulher em uma posição subordinada ao lar, cabendo, assim, a ela satisfazer as expectativas dos papéis de esposa e de mãe.

Vaitsman (1994) endossa, demonstrando a dicotomia entre público e privado que foi provocada em consequência do movimento social de modernização. Ao homem cabia o espaço público vinculado ao trabalho remunerado e a imagem de provedor da família; à mulher, o espaço privado vinculado ao trabalho doméstico de dona de casa, satisfazendo, desse modo, as necessidades afetivas da família. Este modelo hierárquico prejudicava a posição da mulher frente à sociedade e subordinava-a à condição machista, que determinava sua função tanto antes quanto depois do casamento. A exemplo disto, relatos obtidos por Biasoli-Alves (2000) apontam que, devido às duras repressões sofridas pelas moças em suas famílias de origem, o casamento representava para elas uma tentativa de sair de casa. Para os pais, casar uma filha era livrar-se da responsabilidade de ter de cuidar dela.

Giddens (1992) também comenta a forte repressão sofrida pelas mulheres, principalmente no que diz respeito à sexualidade, sendo elas, por isso, divididas em duas categorias: “virtuosas” ou “perdidas”. Essas classificações estavam vinculadas à contenção da sexualidade feminina até o casamento, uma vez que a virgindade era considerada sinônimo de dignidade e representava um ideal para se alcançar a aprovação social. Desta forma, o casamento era a única possibilidade de as moças desenvolverem uma vida sexual sem serem condenadas e repreendidas. Sobre este assunto, Diehl (2002) coloca:

“A virgindade era uma espécie de comprovante do valor feminino a ser conservada e defendida com unhas e dentes até o casamento, não só pela mulher, mas também pelos outros membros da família... As mulheres virgens detinham, além de um contexto de *pureza* e de uma sexualidade imaculada, a idéia de serem intocáveis. A perda desta virgindade, antes do casamento, trazia sérias implicações. Usualmente, tirava-lhes o valor como esposas e também como indivíduos dentro do contexto social” (p.139).

Este mesmo autor comenta que os rapazes, no entanto, em sua grande maioria, não sofriam repressões no que diz respeito à sexualidade. Eles eram estimulados a iniciarem suas relações ainda bastante jovens e, em geral, com prostitutas, intermediadas pelos próprios pais. Essas mulheres serviam como “professoras de sexo”:

“Os homens, de uma maneira geral, não tinham esses tipos de limitações. Eles não precisavam manter-se virgens até o casamento. Ao contrário, esperava-se deles que tivessem relações com outras mulheres, para assim poderem ensinar suas castas esposas” (2002:141).

Por tudo isso, nota-se que o modelo tradicional de casamento representava um “caminho de mão única” no campo de possibilidades de muitos dos indivíduos pertencentes a este contexto. A noção de casamento encontrava-se imersa em referenciais patriarcais, autoritários e hierárquicos. O caráter institucional do casamento era supervalorizado, em detrimento dos seus aspectos afetivos, sendo este um modelo de relacionamento que perdurou por muito tempo.

Neste sentido, o século XX serviu de cenário para muitas mudanças que reformularam o significado do casamento tanto em um nível social, quanto em um nível particular da intimidade. Veremos, a seguir, alguns desdobramentos deste marcante movimento de mudanças.

2.2.

Modelo contemporâneo: as novas configurações

O modelo contemporâneo de casamento diz respeito às marcantes transformações observadas em nossa sociedade, as quais eclodiram de forma incisiva na segunda metade do século XX. O fato de denominarmos este modelo de contemporâneo significa que estamos nos referindo ao contexto atual e às

características que circunscrevem o significado do casamento na presente conjuntura.

Fatores de ordem social, econômica e política, como a revolução feminina, o individualismo, o processo de modernização, os avanços tecnológicos e a globalização, são descritos como fundamentos imprescindíveis para a compreensão de tais transformações e para darmos significações adequadas ao casamento neste início de século.

A noção de casamento compartilhada há algumas décadas atrás estava diretamente associada, como já exposto, à legalização formal sacramentada pela Igreja. A atualidade, porém, nos confronta com a dificuldade de lhe dar uma definição específica, já que, hoje, o termo casamento passou a designar várias novas configurações de relacionamento. Segundo Zordan (2003), “o que caracteriza o casamento no final do século XX, é a pluralidade de modelos conjugais, que vão desde os casais com vínculo matrimonial legal até os coabitantes temporários ou definitivos” (p.21).

Goldenberg (2000) corrobora, comentando algumas das expressões desta pluralidade: casados, separados, recasados, namorados, amantes, casados sem filhos, não casados com filhos, entre outras possibilidades. De fato, o que deve estar em jogo numa tentativa de definição do casamento contemporâneo não é o formato, e sim os sentimentos presentes na relação.

Giddens (1999 b) comenta o novo lugar que o “casal” ocupa na sociedade, mostrando que, antigamente, ele era uma das partes constituintes da família, juntamente com os filhos e os outros parentes; porém, hoje, o casal está no centro do que é família, e sua formação independe de um ato institucionalizado. Um casal que estabeleça uma união estável pode ser considerado um equivalente de um par “casado”.

Para o autor, essas mudanças estão associadas à emergência do que ele denominou de “relacionamento puro”, que através das reivindicações feministas permitiram a criação de uma nova ordem nas relações amorosas, que passou a priorizar a igualdade na doação e no recebimento emocional de ambos os sexos. A emergência do relacionamento puro rompeu com a necessidade de se estabelecer o vínculo conjugal, já que ele aproximou as noções de amor e sexualidade, que anteriormente só deveriam ter espaço no contexto do casamento. Esse tipo de relacionamento, ao contrário do casamento tradicional, que era alicerçado pelas

regras sociais, encontrou como base a exploração da intimidade. Assim, os envolvidos em um relacionamento puro passaram a ter como objetivo principal a busca da satisfação pessoal, explorando ao máximo suas relações.

Um aspecto imprescindível na compressão das questões que permeiam o casamento na contemporaneidade refere-se, a nosso ver, à legalização do divórcio, ocorrida no Brasil no ano de 1977. Desde então foi crescente o número de separações oficializadas, o que gerou uma expectativa social com relação ao futuro do casamento e da família.

O divórcio tornou possível a passagem do ideal de casamento “para sempre” para o de casamento “renovável”. Wagner (2002) destaca que, quase trinta anos após a legalização do divórcio, constatamos algumas das conseqüências desta marcante transformação, sendo o recasamento e os demais novos arranjos familiares exemplos significativos da capacidade humana de superar situações delicadas.

Outro determinante fator que conduziu a diversificação de tipos de relacionamentos contemporâneos foi o reconhecimento das chamadas uniões estáveis pela Constituição Federal Brasileira, no ano de 1988. De acordo com a lei, este tipo de união passou a ser reconhecida como família, garantindo direitos legais aos seus membros, o que colaborou, juntamente com a legalização do divórcio, para retirar o casamento formal da posição de caminho “exclusivo” na formação de família.

A noção de sexualidade também foi reformulada ao longo do processo de transformações sociais do século XX. De acordo com Diehl (2002), a partir da década de 50, movimentos como o *beat* e o *hippie* e as lutas feministas por igualdades de direitos tinham em comum a reivindicação por uma maior liberdade sexual.

O advento dos métodos contraceptivos permitiu à mulher uma maior autonomia nas questões relativas ao sexo, proporcionando a busca do prazer desvinculada de uma conseqüente gestação. Esse fator, aliado às novas técnicas reprodutivas, tornou, segundo Giddens (1992), a sexualidade maleável. Vivenciada de maneira autônoma, essa nova forma foi denominada pelo autor de “sexualidade plástica”. Dentro do casamento o sexo passou, então, a ser fortemente considerado tanto pelos homens quanto pelas mulheres.

As transformações na posição da mulher alteraram os papéis familiares concernentes ao gênero, que antes estavam fundamentados na dicotomia das esferas do público e do privado. A luta feminina por uma nova identidade fez com que as mulheres deixassem o âmbito privado do lar, dos filhos e da dona de casa e fossem buscar, assim como os homens, uma participação ativa na esfera pública. Segundo Vaitsman (1994) a luta feminina pelo mercado de trabalho surtiu como um desafio às práticas e aos valores hierárquicos que sustentavam a família. Assim, a reformulação da identidade da mulher exigiu, também, uma reformulação nos papéis familiares a que ela estava subordinada.

Podemos considerar que essas marcantes transformações foram impulsionadas pela difusão de valores individualistas. A busca de maior autonomia e liberdade individual provocaram mudanças estruturais, trazendo conseqüências tanto para o casamento enquanto instituição social, como para o casamento enquanto relação a dois.

Féres-Carneiro (1998) comenta a repercussão dos valores individualistas dentro da vida do casal, destacando que a constituição e a manutenção do casamento contemporâneo são diretamente influenciadas por esses. Esta característica pode ser considerada tanto um fator de aproximação dos parceiros, quanto um motivo de ruptura de uma união. Valorizar a individualidade permitiu que os sujeitos direcionassem as suas escolhas, a fim de atenderem as suas preferências. Por outro lado, este valor contemporâneo entrou em choque no espaço da relação conjugal devido ao que a autora chama de o “difícil convívio da individualidade com a conjugalidade” (pág.383).

O individualismo serviu como oposição às expressões de autoritarismo, e desta forma, colaborou para que a Igreja perdesse o seu papel de referência. Constatamos uma crescente busca de novas formas de religiosidade, e o enfraquecimento do matrimônio enquanto única possibilidade e forma “adequada” de se estabelecer uma união. Essa observação é confirmada pela pesquisa de Jablonski (2001), em que se constatou que a religião ocupa um dos últimos lugares na lista de motivos para se evitar uma separação. Para o autor, a forte influência que a religião exercia sobre as questões familiares parece ter em muito se enfraquecido nas últimas décadas, devido ao impacto do movimento de secularização nos países ocidentais.

3

O processo de mudanças

3.1.

A modernização

Diversas transformações, como vimos, marcaram as relações afetivo-sexuais ao longo do século XX, não só provocando alterações na forma e no significado do casamento para a sociedade, como também permitindo a constatação de modelos distintos de relacionamento em um curto espaço de tempo.

Apontar para a mudança observada no casamento é destacar um dos desdobramentos conseqüentes do complexo conjunto de transformações sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que marcaram, principalmente, a segunda metade do século passado. Essas significativas questões têm sido exploradas por autores de diversas áreas do conhecimento como a sociologia, a história, a economia e a psicologia, sendo freqüentemente enfatizado, como o pano de fundo destas mudanças, o processo de modernização das sociedades ocidentais.

Para comentarmos, entretanto, as conseqüências advindas deste processo no âmbito das relações afetivo-sexuais, devemos, antes, esclarecer o que estamos chamando de processo de modernização. O emprego deste termo e de suas variações requer especificação visto que observamos divergências teóricas conseqüentes do fato de diferentes autores terem-no utilizados para definir diferentes conjunturas históricas.

Neste trabalho, o termo “processo de modernização” está sendo utilizado de forma ampla, a fim de designar as marcantes transformações identificadas principalmente na segunda metade do século XX. Giddens (1999 b) justifica a ênfase neste período, ressaltando que, de fato, o processo de modernização tem origens históricas distantes, mas que a segunda metade do século XX marca o momento crucial, quando os seus impactos tornaram-se mundiais.

O estudo deste processo deve ser feito de forma integrada, uma vez que ele engloba outros tantos relevantes fatores, descritos por Jablonski (1998), como por exemplo:

“... à industrialização, à urbanização, a mudanças socioeconômicas significativas que podem ser traduzidas, por exemplo, no aumento da alfabetização, na maior exposição aos meios de comunicação de massa, maior participação política, e a um conjunto de atitudes que, em nível individual, apontam um caminho para a secularização: ênfase na racionalidade, autonomia, independência e uma crescente valorização do individual a expensas de grupos que, no passado, exerciam uma influência muito mais acentuada e determinante (como a própria família ou as instituições religiosas)” (p. 49).

Os impactos do processo de modernização na família, e conseqüentemente no casamento, podem ser, a nosso ver, divididos em dois momentos: num primeiro, vemos mudanças incipientes, já que eram, ainda, fortemente influenciadas por valores patriarcais e hierárquicos; num segundo momento, constatamos mudanças mais estruturais, sendo influenciadas, principalmente, pelos ideais capitalistas, como discutiremos a seguir.

A função da família anterior à modernização era a de promover e manter os meios necessários à sua sobrevivência. Todas as dimensões das necessidades dos indivíduos deveriam ser supridas pela família, que, entre outras atividades, produzia mercadorias para uso próprio e também para trocas.

Vaitsman (1994) destaca as alterações provocadas pela modernização no papel da família, as quais retiraram a sua função e deslocaram a noção de trabalho para as atividades realizadas pelos homens no espaço público, onde eram remuneradas. Com o deslocamento do trabalho masculino para a esfera pública, restou à mulher a manutenção do espaço privado, recaindo sobre ela o papel de suprir as necessidades afetivas dos membros da família. Em outras palavras, a dicotomia entre público e privado promovida pela modernização acabou por aproximar as noções de homem / provedor / trabalho e a de mulher / afetividade / família. A família passou a ser o “porto seguro”, o refúgio da afetividade dos indivíduos frente ao aspecto instrumental característico da esfera pública do trabalho.

Para Vaitsman (1994), a família enquanto apoio afetivo serviu para consolidar:

“(...) a construção de toda uma cultura familiar que enfatizava a privacidade, o amor materno e a criança, fazendo da mulher a própria encarnação de tudo aquilo que a vida privada e familiar passou a significar no plano do imaginário social” (p.31).

Verificamos que, neste primeiro momento, o processo de modernização causou, sim, mudanças significativas na estrutura das famílias e conseqüentemente dos casais, porém, essas mudanças mantiveram-se ligadas a valores tipicamente tradicionais, que sustentavam a separação dos gêneros. Assim, perpetuaram-se valores patriarcais e hierárquicos que subordinavam a mulher ao homem, demonstrando que, no campo das relações afetivo-sexuais, a “modernidade” ainda não havia chegado. De fato, se é que podemos assim falar, a “modernização” das relações afetivo-sexuais só teve início com o movimento de criação de novos valores e padrões, que permitiram o surgimento das novas configurações de relacionamento.

Giddens (1999 a) considera a ligação existente entre as mudanças em aspectos íntimos da vida cotidiana e as transformações provocadas pelos impactos do processo de modernização. Para este autor a modernidade é uma ordem essencialmente pós-tradicional, já que ela é caracterizada por um dinamismo ímpar, que afasta de seu contexto padrões estáticos e preestabelecidos.

Bauman (2000) também analisa as transformações conseqüentes do processo de modernização, enfocando o declínio das tradições e o apogeu do capitalismo. Ele utiliza a metáfora dos sólidos e dos fluidos para representar a oposição existente entre a tradição e a modernidade. O processo de modernização da sociedade é, segundo ele, representado pelo “derretimento dos sólidos”, uma vez que a modernidade é essencialmente caracterizada pela fluidez. Assim, foi necessário romper com os padrões autoritários, eliminar as obrigações que limitavam as possibilidades individuais, e derreter a solidez das tradições para que a modernização pudesse se impor com a sua fluidez.

A análise realizada por Bauman revela a ascensão do capitalismo como uma das principais características da sociedade atual que acompanhou o desenvolvimento da modernização. Essa ascensão nas sociedades ocidentais foi, de acordo com o autor, marcada por dois momentos: o capitalismo pesado e o capitalismo leve. O primeiro, “amarrado pela combinação de fábricas enormes, maquinaria pesada e força de trabalho maciça” (p.69), significou o apogeu do modelo industrial, representado pelo exemplo fordista. Tais condições submetiam os trabalhadores a uma sólida estrutura que ligava o capital ao trabalho, através de um forte esquema controlador que lhes dava a aparente sensação de segurança.

“O capitalismo pesado, no estilo fordista, era o mundo dos que ditavam as leis, dos projetistas de rotinas e dos supervisores; o mundo de homens e mulheres dirigidos por outros, buscando fins determinados por outros, do modo determinado por outros. Por esta razão era também o mundo das autoridades: de líderes que sabiam mais e de professores que ensinavam a proceder melhor” (2000:75-76).

O capitalismo leve, por outro lado, caracterizou o que Bauman denominou de pós-modernidade. Este seria representado pela valorização das escolhas individuais, em detrimento dos padrões hierárquicos, uma vez que o “bom” consumidor é aquele que, dentre diversas possibilidades, pode escolher.

“O capitalismo leve, amigável com o consumidor, não aboliu as autoridades que ditam leis, nem as tornou dispensáveis. Apenas deu lugar e permitiu que coexistissem em número tão grande que nenhuma poderia se manter por muito tempo e menos ainda atingir a posição de exclusividade... Quando as autoridades são muitas, tendem a cancelar-se mutuamente, e a única autoridade efetiva na área é a que pode escolher entre elas. É por cortesia de quem escolhe que a autoridade se torna uma autoridade. As autoridades não mais ordenam; elas se tornam agradáveis a quem escolhe; tentam e seduzem.” (2000:76).

Assim, a instauração do capitalismo leve serviu para marcar o que, a nosso ver, representou um segundo momento dos impactos do processo de modernização no âmbito das relações afetivo-sexuais. Isso porque, inseridos no esquema capitalista, os indivíduos foram estimulados a valorizar suas escolhas particulares e este pensamento acabou afetando, também, a forma e o significado dos relacionamentos da contemporaneidade.

Enfocando a colocação de Bauman, vemos que os indivíduos da modernidade exercem a função de consumidores submetidos às exigências do capitalismo leve. O contexto da modernidade se diferencia pela ampla gama de possibilidades apresentadas aos indivíduos (consumidores) que têm o código de suas “políticas de vida” derivado da “pragmática do comprar” (p.87). Neste sentido, como coloca o autor, a busca de satisfação, de felicidade e da própria identidade seriam influenciadas pelo vício moderno do comprar.

No âmbito das relações interpessoais, essa dinâmica proposta pela modernidade se expressa claramente nas mudanças destacadas no casamento. Nas palavras do autor:

“Essa situação mudou, e o ingrediente crucial da mudança múltipla é a nova mentalidade de “curto prazo”, que substituiu a de “longo prazo”. Casamentos “até

que a morte nos separe” estão decididamente fora de moda e se tornaram uma raridade: os parceiros não esperam mais viver muito tempo juntos” (2000:169).

Essa mentalidade de “curto prazo” corresponde à ampliação das possibilidades individuais proposta pela modernização. Frente à diversidade de mercadorias, os sujeitos da era moderna sentem-se impelidos a substituir suas escolhas, como uma tentativa de descobrir qual das possibilidades poderia lhes dar a sensação de satisfação.

No campo das relações afetivas, o “curto prazo” também é identificado, como sinaliza Bauman, na tendência atual que move os indivíduos a substituírem seus parceiros na esperança de encontrar o companheiro “ideal”. O autor sugere que, neste contexto, a infelicidade seria provocada, contraditoriamente, pelo excesso de possibilidades, uma vez que o excesso seria o responsável por atualizar nos indivíduos o angustiante questionamento da escolha “certa” e “errada”.

O contexto da modernização desenvolveu nas sociedades ocidentais o culto à novidade e, conseqüentemente, intensificou a substituição e a descartabilidade, tanto de mercadorias, quanto de experiências. Assim, padrões que, anteriormente, serviram como referências para a sociedade foram postos de lado, em detrimento de novos modismos. Os valores contemporâneos tidos como “ideais” passaram a diferir enormemente dos partilhados há algumas décadas atrás, estando concentrados em aspectos ligados ao estético, como a beleza e a juventude.

Costa (2003) comenta esta substituição de valores através do que ele denominou “cultura dos sentimentos” e “cultura das sensações”. A primeira diz respeito à época na qual os indivíduos priorizavam a realização pessoal, através do desenvolvimento emocional e sentimental que envolvia capacidade individual, tenacidade, honestidade, lealdade e fidelidade. Já a segunda refere-se ao contexto atual, em que o foco está na capacidade de se extrair, ao máximo, sensações do corpo. Aspectos como juventude e padrões estéticos de beleza são tidos como imprescindíveis para se estar de acordo com a moda.

O autor ressalta que a problemática desta substituição de valores se instaura no fato de que a cultura das sensações se contrapõe à busca da felicidade e da realização pessoal, já que, segundo ele, a felicidade seria basicamente sentimental e o romantismo amoroso, fundamental para dar sentido à vida privada. A multiplicidade de possibilidades de relacionamento que o contexto atual

proporciona aos indivíduos pode significar uma série de experiências superficiais, considerando-se que não é o excesso que determina o encontro da satisfação.

Todas estas implicações, trazidas pela modernização, colaboraram e ainda colaboram para a construção do significado do casamento na contemporaneidade. A complexidade do tema em questão parece residir no fato de o casamento contar com dois componentes fundamentais: um social (casamento enquanto instituição que nos identifica socialmente) e um afetivo (casamento enquanto encontro amoroso, campo fértil para o desenvolvimento da intimidade e da identidade pessoal). Logo, trabalhar esse tema requer constante atenção aos aspectos sociais passíveis de objetivação e aos aspectos particulares, que estão imersos nas realidades e verdades subjetivas do cotidiano de cada casal.

A modernização, como demonstramos, favoreceu o desenvolvimento do componente afetivo da família e do casamento, por ter dividido a esfera social em dois domínios, o público e o privado, sendo esse último o responsável pela afetividade dos indivíduos. Por sua vez, o componente social continuou a ser relevante dentro do significado do casamento, mas deixou de ser supervalorizado em detrimento do componente afetivo.

O mundo de hoje, “pós-modernização”, se distingue de outras épocas devido a sua peculiaridade de ter acontecimentos de impactos globais. Essa característica de nosso tempo é frequentemente explicada pelos estudiosos como sendo o fenômeno denominado de globalização. Hall (1992) discute as repercussões da globalização sobre as identidades culturais, demonstrando que os impactos deste processo geram tanto novas identificações globais, como também fortalece algumas identidades locais. Para ele a globalização permite:

“A aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância” (p.69).

Essa sincronia que interconecta realidades aparentemente distintas nos permite pensar que o tema das mudanças do casamento, aqui analisado, tem seus impactos identificados em várias outras realidades. Quando realizamos o breve levantamento bibliográfico a respeito das mudanças observadas no casamento constatamos as divergências e as convergências dos aspectos abordados em relação ao tempo e ao lugar. Um exemplo disto refere-se à ascensão do ideal

romântico, que, na Europa, pôde ser identificado no final do século XVIII. Já, os relatos de Sâmara (1983), apresentados anteriormente, sobre o casamento na sociedade paulista do século XIX demonstram que no Brasil, esses ideais só tiveram impactos tempos depois. No entanto, os aspectos característicos do modelo contemporâneo de casamento foram mais rapidamente assimilados no mundo, o que demonstra a especificidade dos dias de hoje de promover acontecimentos de efeitos “globalizantes”.

Giddens (1999 b) considera um grave erro pensar a globalização como um fenômeno circunscrito à realidade econômica e política. A globalização abrange múltiplas áreas da vida contemporânea, tendo importantes repercussões nos aspectos íntimos do cotidiano. Por este motivo as mudanças processadas hoje não podem ser circunscritas a realidades restritas, elas atingem, sim, diversas áreas do globo. Isto vale para o tema das mudanças da família e do casamento.

“Há uma revolução global em curso no modo como pensamos sobre nós mesmos e no modo como formamos laços e ligações com outros. É uma revolução que avança de maneira desigual em diferentes regiões e culturas, encontrando muitas resistências... são poucos os países do mundo em que não está se desenrolando uma intensa discussão sobre a igualdade sexual, a regulação da sexualidade e o futuro da família. E ali onde não há um debate aberto, isto ocorre sobretudo porque ele é ativamente reprimido por governos autoritários ou grupos fundamentalistas” (Giddens, 1999 b:61).

Os impactos do processo de modernização no âmbito da família e do casamento parecem representar uma de suas conseqüências mais significativas, porque envolvem questões que não só dizem respeito ao casamento enquanto instituição social, mas referem-se, principalmente, ao desenvolvimento de seu aspecto afetivo. Assim, não podemos tratar dessas questões sem deixar de considerar que elas têm ligação com a intimidade e, logo, com a formação das subjetividades no contexto de hoje.

Além do processo de modernização, destacamos, a seguir, outro importante fator que serve de fundamento para darmos significações adequadas ao casamento neste início de século.

3.2. O individualismo

A difusão da ideologia individualista colaborou para a consolidação de mudanças estruturais na constituição das sociedades ocidentais, tais como hoje as concebemos. Acreditamos que este tema representa, juntamente com o processo de modernização, uma questão central no que concerne ao estudo das transformações do século XX.

Figueira (1978) diz ser o individualismo o grande divisor de águas entre as sociedades modernas e as tradicionais, visto que ele veio permitir uma “profunda alteração nos valores” (p.62). Este autor acrescenta, ainda, que o que define as sociedades tradicionais seria a ênfase valorativa na sociedade, sendo o indivíduo parte integrante desta:

“O valor e a referência mais importantes se concentram na ordem, na hierarquia, na tradição, na orientação de cada ser humano particular para os fins prescritos pela sociedade... o ideal deriva da organização da sociedade com respeito aos seus fins e não com respeito à felicidade individual...” (p.62).

Já, nas sociedades modernas, a ênfase se estabeleceria de forma particular, isto é, nas necessidades individuais e no bem-estar de cada ser humano. Conseqüentemente, a sociedade desempenharia um papel secundário, sendo representada pela associação de sujeitos independentes e autônomos.

Segundo Magalhães (1993), o homem da modernidade vive sob constante e intensa influência da ideologia individualista. As sociedades igualitárias, que contextualizam a era moderna, levam os indivíduos a se apresentarem enquanto seres autônomos e singulares, possuidores de direitos que lhes permitem usufruir suas liberdades, uma vez que, também, respeitem as liberdades e os direitos dos demais.

O individualismo, entendido como valor ascendente no processo de modernização, pode, também, ser identificado na reestruturação das relações do contexto familiar. Ariès (1973) comenta essas significativas alterações em sua clássica análise iconográfica. Os estudos deste autor apontam para uma marcante mudança no contexto familiar, no que diz respeito à sua extensão e ao manejo de suas relações afetivas.

Em outras épocas, a noção de intimidade não tinha uma representação específica na vida das famílias e dos casais. A vida social e privada não era dividida, prevalecendo o referencial da coletividade. Ariès nos recorda que pais e

filhos, até o século XVII, tinham o hábito de viverem suas vidas, expondo-se constantemente ao domínio público. A própria organização das casas não contava, necessariamente, com cômodos independentes, o que dificultava um relacionamento mais intimista entre os membros da família.

O autor relata, ainda, que o movimento de interiorização das famílias provocou a retração da sociabilidade. Tal movimento representou uma grande mudança no significado das famílias, pois as retirou do domínio público, e permitiu, dessa maneira, o desenvolvimento de um sentimento de família: “É como se a família moderna tivesse substituído as antigas relações sociais desaparecidas para permitir ao homem escapar a uma insustentável solidão moral” (Ariès, 1973:274).

Para Ariès, a tendência das famílias pertencentes à era moderna foi a substituição das antigas relações destituídas de intimidade para o isolamento nos grupos solitários de pais e filhos. Este movimento de interiorização das famílias não representou, segundo ele, o triunfo do individualismo, e sim o da família. Por outro lado, tendo o valor da família se sobreposto ao valor da sociabilidade, algumas alterações nas posições de seus membros tiveram que ser realizadas. Como a família passou a ser responsável pela afetividade dos indivíduos, houve uma maior necessidade de se desenvolver noções igualitárias, que valorizassem os aspectos individuais. Dessa forma, o individualismo pode não ter sido o responsável pelo desenvolvimento de um sentimento de familismo, mas, sem dúvida, a existência deste sentimento possibilitou a difusão de valores individualistas, uma vez que sendo a família o contexto de tão nobre função (a afetividade), não deveria existir desigualdade entre seus membros.

Simmel (1971) também fala das repercussões da ascensão da ideologia individualista no contexto da família e do casamento. Segundo este autor, a seleção de parceiros esteve, durante um longo período, limitada por separações grupais (clãs, famílias, castas, ect.) que reduziam o campo de possibilidades e facilitavam a escolha dos pretendentes. Por outro lado, ele apresenta um modelo de casamento individualista, emergente do alargamento do campo de possibilidades de escolhas dos cônjuges. A mistura de grupos sociais, o declínio da influência da Igreja, a diminuição do poder das famílias de origem e o desenvolvimento social e geográfico permitiram que o círculo de possibilidades

dos cônjuges fosse ampliado. O grande número de diferentes possibilidades passou, então, a dificultar a escolha do parceiro.

A ideologia individualista ganhou espaço neste contexto e passou a influenciar a busca de um complemento singular. A escolha teve o seu peso intensificado pela responsabilidade de se optar por um parceiro que fosse “único” na função de correspondente amoroso. A noção de liberdade, que, num primeiro momento, pareceu ter sido reformulada pela ampliação do campo de possibilidades, acabou novamente limitada pela necessidade de se fazer a escolha da pessoa certa.

Assim, a valorização das individualidades somada à crescente vinculação da família à função de refúgio da afetividade fez com que a escolha do parceiro ganhasse uma conotação totalmente nova, se comparada ao modelo de relacionamento anterior, pois focalizava-se, agora, não só o aspecto institucional do casamento como também o seu componente afetivo.

Retomando a análise de Vaitsman (1994) sobre a dicotomia do público e privado, vemos que a influência da ideologia individualista sobre a família e o casamento, não foi sentida, inicialmente, da mesma forma por homens e mulheres. Estas tinham o seu papel desvalorizado frente à dicotomia das duas esferas, porque o poder e o prestígio estavam vinculados ao trabalho remunerado dos homens, na esfera pública. As relações no âmbito do casamento, como exposto anteriormente, eram estabelecidas sobre valores patriarcais e hierárquicos e as mulheres estavam, por função, subordinadas aos maridos provedores.

Para Vaistman (1994), o individualismo identificado, primeiramente, no campo das relações afetivo-sexuais, conformou-se em ser um “individualismo patriarcal”, que sustentava as diferenças entre os dois sexos:

“A partir da concepção moderna de que a igualdade entre os indivíduos faz-se a partir da essência universal que estes possuem sendo donos de seu corpo e, conseqüentemente, de seu trabalho, vê-se por que a definição de indivíduo não incluía as mulheres, pois efetivamente elas não detinham o controle nem de seu corpo nem de seu trabalho: de seu corpo, porque só muito recentemente elas passaram a ter plenas condições técnicas de controlar a própria fecundidade, superando então um limite imposto pela natureza..., e de seu trabalho, porque este oficialmente se tornou um trabalho no interior da família, invisível, sem valor, definido como improdutivo” (pp.31-32).

O individualismo entendido como uma ideologia a se contrapor à hierarquia e tendo como pressuposto a ênfase na igualdade do valor individual, não pôde, de fato, ser identificado neste primeiro momento das modificações na conjuntura da família, pois essa, como colocamos anteriormente, ainda não tinha se “modernizado”.

O fator decisivo para a consolidação da ideologia individualista, tal como a concebemos no panorama atual foi, a nosso ver, o movimento de emancipação feminina. A partir daí, as mulheres arriscaram alterar a ordem hierárquica estabelecida, que dicotomizava o público e o privado, e a ideologia individualista, enfim, se firmou através do grito das mulheres por maior igualdade entre os sexos. Os valores individualistas que serviram como referenciais básicos na luta pela emancipação feminina, a partir da segunda metade do século XX, permitiram a reorganização das perspectivas individuais, por enaltecerem o valor das possibilidades particulares e elevarem a busca pela auto-realização.

O movimento feminista foi impulsionado, principalmente, por mulheres detentoras de um maior nível de escolaridade, em geral, pertencentes à classe média da sociedade, até porque, por este motivo, tinham maiores possibilidades de contato com essa ideologia e com esses valores. A busca de maior igualdade e liberdade levaram as mulheres aos espaços públicos do trabalho e das universidades, bem como permitiram a reformulação de questões referentes à sexualidade feminina e à maternidade.

Em uma análise sobre os novos padrões sexuais de conjugalidade, Diehl (2002) discute o surgimento de uma “nova mulher” que lutou, principalmente para provar que a desigualdade entre os sexos não era advinda de uma herança genética e sim de um “processo de aprendizagem e de condicionamento social” (p.142).

O movimento de emancipação feminina trouxe repercussões diretas para a vida da família e do casamento, na medida em que as mulheres passaram a dividir seu tempo entre as tarefas domésticas e a busca de maior instrução e de uma maior participação no mercado de trabalho. Sem dúvida, a luta feminina pelos espaços públicos não representou o afastamento de suas responsabilidades no âmbito privado. Sua saída gerou conflitos entre os papéis domésticos; mas a mulher, ao invés de substituir sua função, acabou somando mais uma responsabilidade, passando a viver uma dupla ou até mesmo tripla jornada de trabalho. Esse fato é apontado pela pesquisa de Jablonski (1998) em que a maioria dos homens definiu

sua participação nas tarefas domésticas como sendo uma “ajuda”. O autor comenta que, dentro de uma proposta de ajuda, subentende-se que a tarefa não lhes pertence, sendo este dado uma comprovação da forte manutenção do aprendizado dos papéis sexuais. Dessa forma, o trabalho da mulher passou a envolver horas, tanto fora quanto dentro de casa, tornando-se uma difícil jornada com excesso de funções e de cobranças.

O mesmo autor destaca que necessidades financeiras colaboraram para a saída da mulher em busca do mercado de trabalho, a fim de contribuir com a economia doméstica. Ele argumenta, porém, que essa mudança só pôde ocorrer, porque o momento e o contexto em que as mulheres se encontravam era propício a isto:

“Uma mulher isolada, sitiada, sentindo-se inútil, com a percepção da progressiva desvalorização dos serviços domésticos, com menos filhos para criar/cuidar e com maiores expectativas de/na vida e um clima de crescente liberdade” (p.147).

Goldenberg (2000) salienta que, quase trinta anos após o início desta luta feminina, a maioria das mulheres, continua, hoje, sujeita a desigualdades, no que diz respeito às possibilidades de emprego e salários. Segundo esta autora, a maioria das mulheres brasileiras que hoje estão no mercado de trabalho, fazem-no como forma de sobrevivência e não como realização pessoal e profissional. De fato, a luta por igualdade entre os sexos é um tema que está longe de ser solucionado, mas o que não podemos deixar de considerar são as profundas alterações que as reivindicações realizadas pelas mulheres, nas últimas décadas, causaram nas relações afetivo-sexuais e nos papéis referentes aos gêneros.

Vemos que as funções do casamento e da família foram fortemente alteradas pela difusão da ideologia individualista. No início do século XX, tanto o casamento quanto a família representavam para ambos os sexos a possibilidade de desenvolverem identidades sociais, visto que, assim, lhes era dado um papel correspondente. Neste sentido, o casamento era necessário para se estabelecer uma função e estar de acordo com as expectativas sociais.

Já adotando valores individualistas, homens e mulheres passaram a esperar mais de suas realizações pessoais. O casamento não deixou de ser importante, mas passou a dividir esse status com outras aspirações, uma vez que a busca de

realização pessoal ampliou as expectativas não só sobre o papel dos homens, mas, principalmente, sobre o das mulheres.

Tendo como pressuposto o valor individual, homens e mulheres passaram a ser mais rigorosos em suas escolhas e também na manutenção de seus relacionamentos. Dentro de um novo contexto que valorizava as características particulares de cada um dos cônjuges, a intimidade pode se desenvolver e passou a ser um critério fundamental para a constituição e manutenção da vida a dois.

Féres-Carneiro (1998) discute as influências e conseqüências advindas da valorização de aspectos individualistas na vida de um casal. Para ela, os ideais contemporâneos de relacionamento, que supervalorizam as características de individualidade e liberdade, acabam por gerar tensão dentro do espaço conjugal, já que colocam os cônjuges frente a valores contraditórios. A autora discute as implicações de “ser casal”, na atualidade, alegando que a maior dificuldade de sustentar esta dinâmica reside no fato de que ela envolve duas individualidades em uma conjugalidade. A constituição de um casal impele os parceiros a estabelecer uma “zona comum de interação”, o que significa a criação de uma “identidade conjugal” (1998:383). Os indivíduos da contemporaneidade sentem dificuldade em realizar esta tarefa, porque estão imersos em valores individualistas que lhes imprimem a necessidade de desenvolverem suas autonomias e suas satisfações pessoais. É neste ponto que reside a contradição contemporânea de “ser casal”:

“Se por um lado, os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um, por outro, surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e os projetos conjugais” (p.383).

A valorização da conjugalidade dificulta o estabelecimento da ideologia individualista, já que “ser casal” requer desprendimentos de ambos os parceiros, como o abandono de alguns projetos pessoais em favor de projetos conjuntos. A contemporaneidade, ao contrário, exige a valorização desta ideologia e assim colabora para a manutenção de uma constante tensão no contexto conjugal, visto que os valores “ideais” da sociedade não estão de acordo com os “pressupostos” deste tipo de relacionamento.

Como consequência deste processo, o incentivo aos valores individualistas teria tornado os casais da atualidade pouco tolerantes às frustrações encontradas em seus relacionamentos conjugais. O imediatismo e a necessidade de satisfação, máximas da sociedade em que vivemos, se oporiam às condições possíveis para um relacionamento estável a dois, levando os indivíduos a renovarem suas escolhas, tentando obter, numa próxima tentativa, maior felicidade. Assim, todos os contraditórios valores, idealizações e expectativas colocados sobre o casamento podem ser vistos como fortes fundamentos para se explicar o significativo aumento no número de separações e de divórcios na atualidade. Féres-Carneiro (1998), porém, argumenta que os constantes aumentos no número de divórcios e separações não seriam indicativos da falência da instituição casamento. A autora, ao contrário, alega que o grande número de separações demonstra a extrema importância que esta relação representa na vida dos indivíduos:

“(…) na sociedade contemporânea os indivíduos se divorciam não porque o casamento não é importante, mas porque sua importância é tão grande que os cônjuges não aceitam que ele não corresponda às suas expectativas. Assim, é justamente a dificuldade desta exigência que o divórcio reflete e, quase sempre, os divorciados buscam o recasamento” (p.385).

As estatísticas e a observação revelam que, na grande maioria dos casos, a demanda de separação é feminina, tanto no Brasil como no exterior. Nas conclusões de seu estudo sobre individualismo e conjugalidade, Magalhães (1993) constatou que o casamento é definido pela maioria das mulheres como “relação amorosa”, enquanto a maioria dos homens o definiu como “constituição de família”. Comentando estes resultados, Féres-Carneiro (1998) diz que essa diferença na definição de casamento pode explicar o motivo para o predomínio feminino das demandas de separação. Segundo ela, a visão que a mulher tem do casamento diminui a sua tolerância frente às dificuldades, por exemplo, quando aspectos como admiração, intimidade e relacionamento sexual não vão bem. Neste contexto, a separação conjugal aparece como inevitável, uma vez que, dentro da definição feminina, a própria essência do relacionamento estaria abalada.

Vemos, também, que, das duas definições encontradas por Magalhães (1993), a mais carregada de conotação individualista é a feminina, por valorizar as características particulares da relação, idealizando tanto o parceiro, quanto o

sentimento existente. As superexigências do individualismo colocadas sobre o amor conjugal acabam por fragilizar os laços desta união, demonstrando que esta ideologia apresenta desdobramentos diretos tanto na constituição do relacionamento conjugal, quanto na sua dissolução, como ilustra o cenário das famílias contemporâneas.

4

O jovem solteiro

4.1.

Quem é e por que ouvi-lo?

Tendo como foco de pesquisa as mudanças identificadas no casamento, decidimos estudar a percepção que os jovens solteiros têm sobre este tema. Esses jovens representam, a nosso ver, um ponto de vista diferencial no que concerne às questões sobre o casamento, pois irão falar de algo que ainda não vivenciaram, mas que se encontra presente em suas vidas através das expectativas pessoais, das experiências de seus amigos e do convívio com seus familiares.

A maior parte dos estudos realizados na área de família e casal encontra-se concentrada em temas ligados às estruturas familiares existentes (papéis, percepções, expectativas, frustrações) e nas dissoluções de uniões (os impactos da separação e do divórcio, a reformulação de papéis, a possibilidade do recasamento). Essa tendência dos temas se justifica na medida em que o advento das pesquisas nesta área ocorreu, justamente, no mesmo período em que assistíamos ao crescente aumento no número de divórcios. O futuro da família e do casamento foi colocado em questionamento, dividindo a opinião dos pesquisadores. O fato é que o impacto destas mudanças levou a uma maior concentração de estudos e pesquisas referentes às realidades dos que viviam ou já tinham vivido a experiência do casamento. Por este motivo, optamos por escutar os jovens solteiros, já que eles simbolizam a geração dos que antecedem essa experiência. Mas, para conduzirmos semelhante discussão, necessitamos esclarecer, inicialmente, quem são estes sujeitos aos quais estamos nos referindo.

Uma definição de juventude, amplamente difundida, vincula a essa fase aspectos evolucionistas, colocando-a como etapa intermediária no desenvolvimento humano e representando-a como um momento de “preparação” para a fase adulta. A juventude, também, é a fase na qual se concentra o maior número de pessoas solteiras devido, não só, ao próprio processo de desenvolvimento humano, como também, por ser compatível com as expectativas estipuladas pelo ciclo vital de nossa sociedade.

Segundo dados estatísticos analisados por Berquó (1998), a idade média no ato do casamento legal era de 27,6 anos para os homens e de 24,1 para as

mulheres em 1994. Ao longo destes anos, esses números vêm sofrendo algumas variações, porém, ainda se verifica ser na fase da juventude, entre os 20 e 30 anos¹, que a maioria da população brasileira se aproxima da possibilidade do casamento pela primeira vez.

Neste estudo, os sujeitos estão representados por indivíduos solteiros com idades variando entre 20 e 25 anos. O intervalo escolhido visa corresponder à faixa etária próxima à apontada pelos dados estatísticos como sendo a idade média em que os sujeitos aderem ao casamento legal pela primeira vez.

Rezende (1990) discute as implicações de utilizarmos o termo juventude de forma a generalizar um determinado grupo, uma vez que, segundo sua visão, não podemos dispensar as peculiaridades advindas de diferentes contextos sócio-culturais, nos quais identificamos uma grande variedade de expressões e formas de “ser jovem”.

“Definir e caracterizar o jovem vem a ser uma tarefa árdua e até mesmo impossível. Isto porque esta noção que se enraíza em um determinado contexto sócio-cultural. Ou seja, ela se localiza no tempo e no espaço, assumindo para a sociedade ocidental a idéia de uma fase de transição pontuada por crises e conflitos. Mas outrora não foi este o significado, assim como não o é em outras culturas” (pág.7).

Realmente, existe uma dificuldade conceitual no que concerne à definição dos termos jovem, juventude e suas variações. Essa dificuldade pode ser atribuída ao fato de a juventude estar vinculada à idéia de etapa de transição, não havendo parâmetros cronológicos rígidos para o seu reconhecimento. Por se tratar de uma etapa de transição, diferentes aspectos podem ser identificados ao longo deste período, apresentando ora atribuições tipicamente adolescentes, ora atribuições características da fase adulta.

Por esse motivo, constantes aproximações podem ser identificadas na literatura entre os termos jovem e adolescente, que, em muitos casos, são utilizados para designar a mesma etapa da vida. Essa aproximação pode ser reconhecida na citação referida acima, onde Rezende (1990) discute a utilização do termo jovem e comenta que sua idéia está associada a conflitos e crises. A

¹ Fonte: IBGE, Diretoria de pesquisas, Departamento de população e indicadores sociais, Estatísticas do registro civil – 2001 (tabela referente aos casamentos entre solteiros, por grupos de idade do homem, segundo os grupos de idade da mulher).

autora, assim, exemplifica a utilização do termo para tratar de características associadas à fase da adolescência.

A maior dificuldade de definição acerca de quem vem a ser o jovem, talvez aconteça quando atribuições consideradas pertencentes à fase adulta são identificadas nesta etapa de transição. Sendo as atribuições adultas gradualmente conquistadas pelos jovens, não existem critérios que definam exatamente quando se dá a referida passagem, o que pode gerar controvérsias numa tentativa de definição. Como forma de buscar uma maior coerência no uso dos termos, muitos autores que se dedicam a estudar as etapas do desenvolvimento, optam por utilizar a denominação "jovem adulto". Como exemplo, citamos Carter, McGoldrick e seus colaboradores (1989), que introduziram, em suas análises do ciclo de vida familiar, a etapa do jovem adulto solteiro. Seriam eles:

“... aqueles indivíduos na casa dos vinte anos que estão (1) fisicamente separados (embora possam ocorrer breves retornos ao ninho); (2) em pós-faculdade e / ou no exército ou (se abaixo dos 21 anos) trabalhando e vivendo fora da casa dos pais; (3) financeiramente independentes ou quase (embora possa ser uma questão em desenvolvimento)” (AYLMER, 169:1989).

Essa nova etapa (jovem adulto solteiro) difere-se da definição empregada neste trabalho, já que os critérios de escolha de nossos sujeitos são mais abrangentes. Porém, sua formulação nos permite visualizar a aproximação que a contemporaneidade provocou entre as noções de jovem e adulto. Isto porque aspectos como desenvolvimento profissional, independência financeira e separação da família de origem, passaram a ser conquistados pelos jovens sem que eles perdessem tal designação. Ao contrário, somou-se ao status de jovem o de adulto, e estes passaram a ser reconhecidos no contexto atual como “jovens adultos”.

Devido a essas dificuldades conceituais e ao marcante movimento de mudanças observado ao longo do século XX, acreditamos que, para compreendermos quem vem a ser o jovem contemporâneo, devemos, mais do que determinar etapas do desenvolvimento, ter um olhar atento ao contexto em que esse indivíduo se encontra. Desta forma, se faz necessário salientar que as significativas mudanças aqui discutidas provocaram a reorganização de diversos aspectos da vida cotidiana, interferindo em condições sociais e subjetivas. A noção de juventude também sofreu reformulações, uma vez que a mudança

atingiu aspectos estruturais da vida privada como o trabalho, a sexualidade, os relacionamentos íntimos, a família e o casamento.

A juventude do início do século XX apresentava perspectivas desiguais para homens e mulheres. Aylmer (1989) salienta que as moças eram passadas dos pais para os maridos, não tendo a oportunidade de buscarem o desenvolvimento pessoal e profissional antes do casamento. Já para os rapazes, a fase da juventude correspondia ao momento de preparação e dedicação ao trabalho, de forma a alcançarem um crescimento profissional que lhes permitisse um conseqüente afastamento das famílias de origem.

A diferença que se destaca entre a descrição acima e o contexto de hoje, além, é claro, da forte subordinação da mulher, refere-se à condição de adulto, que era vista nesta época como algo almejado, já que representava um status social. Acreditamos que o jovem do início do século XX buscava alcançar o status adulto, porque este lhe permitia usufruir uma maior liberdade e autonomia. Neste contexto, o casamento também representava um passo importante no processo de desenvolvimento, estando diretamente associado à idéia de formação de família, o que conferia aos cônjuges um visível aumento de responsabilidades sociais e individuais, aproximando-os, assim, do almejado status adulto.

Os casamentos ocorriam mais cedo, sendo para as moças uma possibilidade quase que exclusiva de se afastarem da família de origem. Segundo Biasoli-Alves (2000), o casamento das moças do início do século passado era determinado pelos pais, havendo também a intromissão de outros parentes mais velhos. Dessa forma, elas eram educadas dentro de um duro regime que lhes exigia obediência e submissão, sendo a juventude um momento de espera do casamento.

Em oposição a esse contexto, a atualidade se destaca pela conquista de uma maior igualdade de possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional para jovens de ambos os sexos. Mesmo que, ainda, as estatísticas apontem melhores condições de trabalho para os homens, é inegável o processo de mudanças que conferiu às mulheres diversas conquistas tanto no campo profissional, quanto no campo dos relacionamentos (Goldenberg, 2000).

O significado do casamento também passou por várias reformulações que o retiraram do papel de caminho “natural” na vida da juventude. Hoje, o casamento é uma escolha para jovens de ambos os sexos, que não só podem decidir a respeito

de seus parceiros, como também são responsáveis por definir o sentido que darão aos seus relacionamentos.

Outra mudança que se faz notar refere-se ao novo significado atribuído ao “ser jovem” atualmente. A juventude, hoje, continua vinculada à idéia de preparação para a fase adulta, porém, o status em moda parece ter sido deslocado da figura do adulto autônomo para a do jovem livre. Para Vianna (1997), a maior dificuldade de definir quem vem a ser o jovem contemporâneo reside no fato de o “ser jovem” ter virado uma mercadoria da atualidade, na qual “para quase todas as idades, “ser jovem” ou “se manter jovem” (“de corpo e alma”) passou a ser um objetivo permanente” (1997:8).

Neste cenário que nos permite observar experiências distintas entre jovens de diferentes gerações, é que decidimos ouvir a fala dos jovens de hoje sobre essas complexas transformações. Considerando que as mudanças ocorridas no casamento são parte de um processo de construção do significado desta instituição na contemporaneidade, acreditamos que a opinião dos jovens solteiros é importante, já que eles são, potencialmente, os casais de amanhã.

4.2

Influências familiares na visão de casamento dos jovens solteiros

O tema das influências familiares na formação da subjetividade de seus membros já foi amplamente explorado pela literatura que se propõe a estudar este tipo de interação e seus desdobramentos. Os clássicos estudos de Freud permitiram um novo olhar sobre as questões das influências familiares, ao colocarem a importância dos primeiros anos de vida para o bom desenvolvimento emocional dos indivíduos, ressaltando, principalmente, o significativo contato com as figuras paternas. Desde então, diversas teorias foram criadas para tentar explicar os enlaces da complexa rede familiar e as suas contribuições para a constituição psíquica de seus membros.

As experiências provenientes da infância influem profundamente na forma como os indivíduos desenvolvem suas capacidades de formar vínculos, sendo a relação com as figuras paternas um elemento-chave neste processo. A forma como essa capacidade se desenvolve está relacionada tanto com as possibilidades

individuais de elaboração das experiências, quanto com as condições advindas do contexto familiar em questão.

Com relação ao contexto familiar, estudos têm sido dedicados a explorar as repercussões da separação dos pais, no desenvolvimento emocional dos filhos. Dolto (1988) comenta as várias dificuldades vivenciadas no contexto familiar quando os pais se separam, ressaltando a importância da triangulação mãe – pai – bebê, que se instaura desde o momento da concepção e se estende ao longo de toda a vida. Para a autora é necessário que os pais se esforcem ao máximo para diminuir a sensação de desorientação causada pela separação, pois a criança passa a lidar com dois referenciais ao invés de um. Caso esse processo não fique bem claro para os membros da família, ele poderá trazer conseqüências futuras para eles.

A fase da adolescência tem sido foco de diversos teóricos por representar outro marcante momento na construção de um bom desenvolvimento emocional. Para Erikson (1987), a fase da adolescência representa o quinto estágio do ciclo evolutivo vital, sendo considerada de grande importância, por ser neste período em que o senso de identidade do indivíduo é negociado. Na verdade, o autor salienta que a construção da identidade é um processo que se estende ao longo da vida do indivíduo, perpassando todas as suas relações. Porém, ele destaca que é na adolescência que esse processo se exacerba, podendo as construções desta fase trazer repercussões para todos os demais estágios do desenvolvimento.

Para Aylmer (1989), as experiências ligadas à fase da adolescência estão necessariamente envolvidas na forma como os jovens iniciam e progredem nas fases posteriores, sendo a capacidade de buscar uma separação satisfatória da família de origem um marco considerado fundamental no reconhecimento de um indivíduo maduro. Assim, experiências insatisfatórias derivadas do contato com o ambiente familiar poderiam comprometer o desenvolvimento da autonomia destes jovens, isto porque qualquer transição entre fases representa um momento delicado carregado de tensões e expectativas.

Dentro de uma linha evolutiva, os sujeitos desta pesquisa estariam em um estágio subsequente à adolescência, sendo o acúmulo das experiências desta fase e também da infância o resultado de traços mais bem definidos de suas formas de ser e de se colocar no mundo. Acreditamos que a percepção dos jovens solteiros de 20 a 25 anos sobre o casamento está imersa neste processo de influências

vivenciadas no ambiente familiar desde os primeiros anos de vida, pois é neste contexto, ou melhor, no contato e na percepção da relação dos pais, que eles, em sua grande maioria, encontram sua primeira referência sobre o significado do casamento.

Wagner, Falcke & Diehl (2002) argumentam que, dentro do ciclo evolutivo vital, é natural que surja um momento de necessidade de afastamento da família de origem e uma conseqüente busca de um relacionamento íntimo mais estável, onde para tal estariam em jogo fatores de origem consciente e inconsciente. Dentro das motivações conscientes estariam “o desejo de ser amado e protegido, de ter filhos e constituir família, e de ter contato afetivo e sexual” (p. 173). Já as motivações inconscientes, estariam relacionadas às experiências infantis, sendo o relacionamento com a mãe e com o pai, a percepção de como eles interagem e as circunstâncias da separação da família de origem fatores essenciais para um bom ajustamento conjugal dos futuros pares.

Assim, dificuldades vivenciadas nas primeiras fases do desenvolvimento podem, conseqüentemente, ser reproduzidas nas relações conjugais, como, por exemplo, na escolha repetitiva de um determinado padrão de parceiro ou na manifestação comportamental de aspectos infantis. Essa tendência de repetir padrões vivenciados na infância revela uma tentativa de solucionar experiências passadas insatisfatórias, tanto na relação com os progenitores, quanto na própria observação da relação conjugal deles.

Para estes autores os aspectos significativos vivenciados na infância são de grande importância na construção do padrão de relacionamento conjugal dos filhos, porém, eles também salientam a grande relevância da forma como o encaixe das experiências de ambos os parceiros é feito, ressaltando aspectos como a estrutura do relacionamento, expectativas e tolerância a frustrações: “Os cônjuges, na construção de seu relacionamento, tomam como base as experiências familiares, mas dão a elas novas tonalidades” (pág. 175).

A influência desta primeira referência da relação dos pais na formação da percepção dos mais jovens sobre o casamento teve o seu peso intensificado no panorama contemporâneo pelo crescente aumento de intimidade e liberdade vivenciados no contexto familiar. Os filhos, hoje, participam ativamente da dinâmica do casal, sendo inclusive, em muitos casos, apontados pelos pais como um dos principais motivos para se evitar uma separação (Jablonski, 1998).

Mas, não só os pais devem ser considerados como influências marcantes na progressiva constituição da subjetividade dos mais jovens. O contexto atual revela uma outra significativa influência expressa na geração dos avós. A convivência dos mais velhos com os mais jovens é derivada do grande aumento da expectativa média de vida mundial que teve os seus índices elevados, destacando-se os grandes avanços no campo das ciências biomédicas como um dos principais motivos. Sttope Jr & Louzã Neto (1999) descrevem dados sobre esse aumento populacional:

“Um significativo aumento no percentual de adultos idosos na população geral vem ocorrendo nas últimas décadas. Entre 1950 e 1975, a porcentagem de indivíduos acima de 65 anos subiu de 7,7% para 10,5% em países desenvolvidos e manteve-se estável em 3,8% nos países em desenvolvimento. Em projeção populacional da ONU, para o período 1975-2075, em países desenvolvidos, estima-se que a taxa de indivíduos com mais de 65 anos subirá de 10,5% para 18,1% da população, e a de indivíduos acima de 80 anos subirá de 1,7% para 4,3%. Nos países menos desenvolvidos, este crescimento será ainda mais dramático. A porcentagem de indivíduos acima de 65 anos aumentará 4,5% vezes (de 3,8% para 17%) com a população acima de 80 anos subindo de 0,4% para 3,5%” (p.16).

Segundo Jablonski (2003), o aumento da longevidade possibilitou que o contato entre gerações fosse realizado em um período maior de tempo, favorecendo a “transmissão de valores, regras morais e pautas de atuação” (p.143) dos mais velhos aos mais jovens. Desta forma, a atualidade releva a peculiaridade da convivência entre gerações, sendo essa marcada pelas complexas e rápidas mudanças, que deixam cada vez mais nítidas as diferenças existentes entre elas.

O encontro geracional é apresentado por Vercauteren, Predazzi & Loriaux (2001) como um veículo de construção de uma cultura solidária, uma vez que “a solidariedade é a compreensão do destino do outro e do seu lugar no nosso horizonte existencial cotidiano”² (pág.183). O encontro das diferenças provocado pela intergeracionalidade permite a sensibilização de indivíduos de diferentes gerações, ampliando-lhes a capacidade de conhecer e reconhecer as diversidades. Novaes (2003) aponta que, se o contato entre gerações for experienciado num ambiente de cumplicidade, ele pode romper com as desigualdades existentes nos vários contextos, antes separados por diferentes vivências e valores.

² Tradução da autora.

Assim, a intergeracionalidade pode ser entendida como um novo componente na construção das subjetividades, influenciando a compreensão das diferentes gerações. Podemos considerar que os valores contrastantes e as diferenças encontradas nas experiências de vida de pais, tios e avós são como símbolos da tradição e da transformação ainda presentes na vida dos jovens. Os avós seriam os representantes do casamento “à moda antiga”, caracterizado pelo patriarcalismo e sustentado pelo ideal de “para sempre”. Já os pais seriam os representantes da transformação, defensores ativos dos ideais liberais e igualitários que marcaram a década de 70.

Portanto, acreditamos que para chegarmos a uma compreensão adequada da visão que os jovens solteiros têm sobre as mudanças do casamento, não podemos deixar de considerar as influências derivadas do ambiente familiar, pois muitos desses jovens entram em contato com a primeira referência de casamento através da relação de seus pais. Da mesma forma, devemos observar a inovação trazida pela contemporaneidade, que releva o significativo contato da troca intergeracional, aproximando os jovens de hoje de diferentes valores e contextos, o que também pode vir a colaborar para a construção de suas percepções.

4.3. Influências sociais na visão de casamento dos jovens solteiros

Os jovens de hoje, solteiros, de 20 a 25 anos, correspondem a um grupo da população brasileira com idades próximas às apontadas pelos dados estatísticos do IBGE (2001) como sendo a faixa etária em que os sujeitos se aproximam da possibilidade do casamento legal pela primeira vez. Por este motivo, esse tipo de união pode ser considerado parte do campo de possibilidades dos indivíduos pertencentes a estas faixas etárias.

Para tratarmos das questões acerca do que vem a ser o casamento para os jovens solteiros de hoje não podemos deixar de contextualizar nosso debate e considerar as significativas influências sociais que interferem na visão que estes sujeitos têm sobre este tipo de relacionamento. Os valores e aspectos característicos do contexto contemporâneo podem exercer influências na vida desses jovens, interferindo, entre muitas coisas, em suas escolhas futuras e norteando a construção de sua visão a respeito do casamento.

Identificamos uma tendência atual dos jovens de optarem pelos novos arranjos conjugais. Uma pesquisa realizada pela Folha de São Paulo, no ano de 1998, constatou que 50% dos jovens entrevistados já haviam descartado tanto a cerimônia, como a legalização formal de suas uniões.

Berquó (1998) também sinaliza que as uniões consensuais tiveram um significativo aumento de ocorrência e passaram a servir como primeira opção de vida conjugal para os jovens das camadas médias da população brasileira. Para a autora, essa tendência representa a ruptura de valores e normas tradicionais, já que serve como uma espécie de “casamento experimental”, podendo ou não se tornar definitivo.

Estudos têm demonstrado que estes mesmos sujeitos são os que mais valorizam o amor como o principal motivo para se casar (Jablonski, 1998, Zordan, 2003) e, também, para fazer uma união durar (Jablonski, 1998). Estes dados apontam para o fato de que os jovens, que segundo Jablonski estariam no “alto de seu “solteirismo” ” (p. 85), pensam e falam do casamento utilizando uma forte carga de idealização. Segundo este mesmo autor, os solteiros estariam presos à máxima de que “só o amor constrói”, desconsiderando os demais aspectos que, juntamente com este, estariam na base de um relacionamento conjugal estável como, por exemplo, o companheirismo e o respeito mútuo (1998:86).

O fenômeno do divórcio, legalizado no Brasil no ano de 1977, também pode ser compreendido como uma significativa influência na visão que os indivíduos mais jovens têm do casamento, porque muitos deles são filhos de pais separados. Em uma pesquisa que ouviu adolescentes de famílias originais e reconstituídas a respeito de questões sobre a família e o casamento, Wagner, Falcke & Meza (1997) constataram que os filhos de pais separados esperam do casamento mais amor, enquanto que os filhos de pais casados esperam mais felicidade. Segundo as autoras, a vivência da perda, a tristeza e a separação podem ser os motivos que fazem os adolescentes de famílias reconstituídas buscarem mais amor, acreditando que, assim, poderão garantir uma relação mais duradoura.

O ideal individualista da sociedade contemporânea é notado na vida dos jovens solteiros através da forma como eles organizam suas prioridades no panorama dos projetos vitais. Zordan (2003) constatou, em seu estudo, que os investimentos na formação profissional aparecem como prioritários na lista dos

projetos destes indivíduos, sendo este dado apontado como um dos motivos para o casamento estar sendo adiado no ciclo evolutivo vital.

Uma pesquisa realizada com 3.500 pessoas de 15 a 24 anos de 198 cidades brasileiras, pela ONG Instituto Cidadania, publicada em *Veja* - edição especial (2004), também apontou para uma grande preocupação destes sujeitos com a questão profissional. De acordo com Gustavo Venturi, coordenador da pesquisa, a inserção no mercado de trabalho é um momento crítico, por estar diretamente associada ao processo de independência do jovem.

Devido à supervalorização dada ao desenvolvimento profissional, tanto do homem quanto da mulher e à grande competitividade do mercado de trabalho, muitos jovens, hoje, têm optado por adiar um possível projeto de casamento. Como explicação para essa tendência atual, resgatamos a análise de Féres-Carneiro (1998) sobre casamento e individualismo, que diz: “os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles” (p.383). Desta forma, o trabalho passou a representar independência e autonomia, sendo estas características tidas como fundamentais na sociedade atual, por serem sinônimos de auto-realização. O casamento foi posto em segundo plano, já que, neste novo contexto, as pessoas passaram a não querer mais se ver dependentes de outras. Isto não quer dizer que elas não querem mais se casar; apenas passaram a priorizar o desenvolvimento profissional e a aquisição de uma estabilidade financeira e, por consequência, o projeto do casamento acabou sendo adiado.

O panorama atual também revela mudanças relacionadas à vivência da sexualidade: hoje, os jovens solteiros têm uma maior liberdade sexual. Segundo Zordan “as pessoas estão iniciando sua vida sexual mais cedo e casando mais tarde” (92:2003). Por essa razão, o sexo, que antes só deveria existir dentro do espaço conjugal, deixou de ser um motivo para o casamento; agora, ao contrário, ele é incentivado a ocorrer ainda na fase do namoro.

Os jovens solteiros de hoje contam com a possibilidade de desfrutar de uma maior fase de “experimentação” antes do casamento, isso porque a substituição de parceiros é muito maior quando comparado aos namoros tradicionais, e um fator primordial para a ampliação desta fase de “experimentação” diz respeito à criação de novos códigos de relacionamento amoroso, destacando-se entre eles o “ficar com”.

Chaves (1994) ressalta que o “ficar com” veio inovar o campo dos relacionamentos íntimos. Este código é “marcado pela falta de compromisso e pela pluralidade de desejos, regras e usos” (p.12). A autora comenta que a disseminação deste tipo de relacionamento, muito comum entre os jovens, tornou-se possível graças ao contexto social que promovia a difusão da ideologia individualista. Dentro deste contexto onde o indivíduo tornou-se singular, autônomo e insubstituível, barreiras foram erguidas nos relacionamentos interpessoais, e principalmente nos amorosos, já que este âmbito passou a favorecer o complicado encontro e convívio de duas individualidades. Assim, o “ficar com”, definido por Chaves como o “átomo da relação amorosa” (1994:86) serviu como opção para o sujeito individualizado, por este código, marcado pela falta de compromisso, não exigir nenhum tipo de renúncia por parte dos envolvidos.

Outra questão proposta pela contemporaneidade refere-se ao significado do ser jovem, que ganhou status no cenário atual, fato que se justifica pela crescente valorização dada aos aspectos estéticos em nossa sociedade, que para tal elegeu a juventude como símbolo, representante da beleza e da liberdade. A juventude tornou-se “objeto de desejo” de várias outras gerações que passaram a aderir a modismos e a recorrer a cirurgias plásticas e a tratamentos de beleza para poderem “manter-se jovens” (Vianna:1997).

Em concordância com a análise de Costa (2003), exposta anteriormente, a exaltação da juventude passou a ser uma marca da contemporaneidade, e, por essa razão, os valores tidos como “ideais” sociais concentraram-se em aspectos estéticos, substituindo a cultura dos sentimentos pela cultura das sensações. Os novos contornos dados ao significado do ser jovem parecem ter colaborado para o que se chamou de prolongamento desta fase. A juventude, que antes era tida como fase de transição, passou a representar status. Como consequência, vemos que muitas pessoas, hoje, mantêm atitudes e comportamentos considerados de “jovens” por mais tempo.

Um outro exemplo referente aos jovens de hoje é a geração canguru representada por filhos de ambos os sexos que prolongam a estadia na casa paterna, mesmo já tendo obtido uma idade conclusiva nos estudos e tendo muitos, inclusive, conquistado uma independência financeira necessária para manter uma moradia própria. Segundo a análise realizada por Henriques (2003) sobre o

fenômeno geração canguru, os motivos que levariam ao adiamento da saída da casa dos pais estariam relacionados tanto à fatores intra-familiares, como a ambivalência de sentimentos gerada pela separação da família de origem quanto à fatores extra-familiares, como a dificuldade de se enfrentar as fortes tensões advindas da instabilidade e da insegurança vivenciadas no contexto atual.

Porém, se, de fato, existe uma tendência de se prolongar a juventude como forma de se manter mais próximo dos ideais em moda, ou como forma de se defender das fortes tensões e responsabilidades do contexto atual, o casamento, em ambos os casos, representaria um empecilho à obtenção destas finalidades, visto que sua noção é fortemente vinculada à formação de família, conferindo aos cônjuges um substancial aumento de cobranças e responsabilidades.

Uma reportagem publicada no jornal O Globo (Pereira: 2004), baseada na referida pesquisa realizada pela ONG Instituto Cidadania, discutiu o perfil dos jovens brasileiros no que concerne à manutenção de valores e hábitos conservadores. Essa discussão se apóia em dados da pesquisa que revelam que os jovens de hoje estão mais apegados a valores tradicionais como família e religião, sendo que “99% dos entrevistados acreditam em Deus e 60% nem pensam em sair da casa paterna” (Veja:2004). As razões utilizadas para se justificar essa tendência dos jovens de hoje são muitas, sendo a insegurança vivenciada no contexto atual uma das explicações dadas para esse retorno a valores considerados sólidos.

Venturi (2004), coordenador da pesquisa, destaca, porém, que a maior certeza que se pode ter sobre essa geração diz respeito ao seu pragmatismo e à sua maior preocupação com questões que tenham interferência concreta em suas felicidades. Desta forma, conservadores ou modernos, os jovens de hoje parecem pontuar suas escolhas de vida com base na busca particular de auto-realização. Essa busca, derivada da progressiva difusão do individualismo nas sociedades ocidentais, pode ser compreendida como mais um dos motivos do casamento estar sendo adiado no ciclo evolutivo vital desses sujeitos. Tendo como máximas a autonomia, a independência e a liberdade, a sociedade atual estimula os indivíduos a resistirem ao difícil convívio das individualidades (Féres-Carneiro, 1998) e a manterem a “eterna juventude”, e para tal, o projeto do casamento parece, de fato, embarrear a manutenção desta imagem supostamente ideal.

5 Estudo de campo

5.1. Sujeitos

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados a partir de alguns critérios previamente estipulados. Entrevistamos 20 jovens com idades variando entre os 20 e 25 anos, solteiros, pertencentes à classe média do Rio de Janeiro, sendo metade do sexo masculino e metade do sexo feminino.

As idades estipuladas (20 a 25) visavam corresponder às faixas etárias próximas às apontadas pelos dados estatísticos³ como sendo a idade média em que os sujeitos aderem ao casamento legal pela primeira vez.

Buscamos sujeitos solteiros a fim de apreendermos a opinião dos que se encontram à frente da possibilidade do casamento, e, portanto pertencem a geração dos que podem alterar o significado das mudanças descritas.

O fato de termos determinado a classe social dos entrevistados serviu para que pudéssemos tratar de realidades mais próximas e atenuar as diferenças advindas de diferentes contextos sociais.

Entrevistamos indivíduos de ambos os sexos a fim de que, quando possível, pudéssemos contrastar as respostas segundo as diferenças de gêneros.

Realizamos uma breve descrição dos sujeitos, numerando-os e identificando-os através da letra M para as mulheres e da letra H para os homens, com o intuito de preservarmos suas identidades. São eles:

Mulheres: (M)

M1: 21 anos, estudante de direito, trabalha, católica não praticante, namora há dois anos e onze meses e mora com os pais casados e dois irmãos.

M2: 23 anos, estudante de engenharia, católica, “não muito praticante”, não tem namorado, mas já namorou, mora com os pais casados e duas irmãs.

M3: 24 anos, estudante de psicologia, trabalha, católica, mas deixou de ser praticante, namora há um ano e três meses e mora com os pais casados e dois irmãos.

M4: 22 anos, estudante de psicologia, não segue uma religião, mas acredita em uma força interior, namora há quatro anos e meio e mora com o pai viúvo e o irmão.

M5: 25 anos, estudante de educação física, católica não praticante, namora há quatro anos, mora com a mãe separada e a bisavó.

M6: 21 anos, estudante de nutrição, católica não praticante, não tem namorado, mas já namorou, mora com os pais casados e dois irmãos.

M7: 22 anos, estilista e professora, trabalha, católica praticante, namora há um ano, mora com a mãe separada e o irmão.

M8: 23 anos, estudante de geografia, católica praticante, namorou por mais de um ano e continua “enrolada” com ele; mora com os pais casados.

M9: 22 anos, estudante de psicologia, católica praticante, não tem namorado, mas já namorou, mora com os pais casados e três irmãs.

M10: 21 anos, estudante de psicologia, acredita em Deus, mas não gosta de seguir as regras da Igreja, namora há três anos e meio, mora com a mãe separada.

Homens: (H)

H1: 25 anos, engenheiro, trabalha, católico praticante, namora há um ano e mora atualmente com a mãe viúva e dois irmãos.

H2: 21 anos, estudante de engenharia, católico praticante, não tem namorada, mas já namorou, mora com a mãe separada e os avós.

H3: 22 anos, estudante de comunicação social, não é praticante de religião, mas tem sua fé, está namorando há cinco meses e mora com seus pais casados e a irmã.

H4: 23 anos, engenheiro, trabalha, católico praticante, namora há dois anos, mora com os pais casados e os quatro irmãos.

H5: 24 anos, estudante de psicologia, não é praticante de religião, mas tem uma crença pessoal, namora há quatro meses, mora com os dois irmãos.

H6: 20 anos, estudante de psicologia, espírita praticante, namora há pouco tempo, mora com os pais casados e a avó.

³ Dados do site do IBGE, referentes ao censo realizado em 2001.

H7: 24 anos, estudante de farmácia, não segue uma religião, mas acredita em Deus, não tem namorada, mas já namorou, mora com a mãe separada e o irmão.

H8: 21 anos, estudante de educação física, não tem religião, namora há um ano e oito meses e mora com a mãe separada e o irmão.

H9: 22 anos, estudante de psicologia, é católico, mas não é praticante, não namora e nunca namorou, mora com a mãe separada e os tios.

H10: 22 anos, estudante de comunicação social, trabalha, é católico, mas não frequenta a igreja, frequenta cultos kardecistas, não namora, mas já namorou, mora com os pais casados e a irmã.

5.2. Instrumento

Foram realizadas 20 entrevistas individuais, gravadas e posteriormente transcritas, sendo os itens que compunham o roteiro invisível os seguintes:

- Projetos de vida para daqui a 10 anos;
- Definição de casamento: pessoal e do mundo de hoje;
- O casamento na época dos avós, aspectos positivos e negativos do casamento nesta época;
- O casamento na época dos pais, aspectos positivos e negativos do casamento nesta época;
- Avaliação do processo de mudanças do casamento e suas conseqüências para a sociedade atual;
- Significado da separação e do divórcio.

5.3. Procedimento

Inicialmente, foram feitas cinco entrevistas-piloto, a fim de que o roteiro fosse devidamente aprimorado, desenvolvendo-se a melhor forma possível de se coletar os dados. Na etapa seguinte, realizamos mais vinte entrevistas, já com o roteiro devidamente alterado, segundo às necessidades identificadas na etapa-

piloto anterior. As entrevistas foram marcadas previamente e realizadas em um local privado, ressaltando-se a questão do sigilo da identidade do entrevistado.

O primeiro tópico do roteiro visava revelar se o casamento aparecia entre os projetos de vida dos entrevistados. Por este motivo, o tema da entrevista foi apresentado aos participantes como sendo sobre projetos de vida dos jovens, de forma que eles não fossem influenciados previamente, por saberem que se tratava de uma pesquisa sobre casamento.

Além dos critérios já descritos sobre a seleção dos sujeitos, considerou-se, também, que eles tivessem algum vínculo com a entrevistadora ou com alguém próximo a ela, mas que não fossem íntimos e nem tivessem conhecimento sobre o tema da pesquisa. Desta forma, tentamos permitir que os entrevistados se sentissem à vontade para falar do assunto, já que este envolvia projetos íntimos e histórias familiares. Esse cuidado teve como finalidade diminuir as possibilidades de surgirem respostas-chavões ou de discursos prontos, como sinaliza Nicolacida-Costa (1989).

5.4. Análise das entrevistas

A análise do discurso dos entrevistados foi feita através da criação de categorias que ressaltassem tanto as aproximações encontradas nas respostas como também, as divergências entre elas. Para tal, foram estipuladas 10 categorias, destacando as falas que nos conduziram a elas e realizando, em seguida, algumas considerações. Foram elas:

- Questão profissional
- Casamento enquanto projeto de vida
- Definição pessoal de casamento
- Definição de casamento no mundo de hoje
- Tradição
- Transição
- Avaliação do processo de mudanças do casamento
- Separação e divórcio
- Influências familiares e a troca geracional
- Individualismo

5.5. Discussão dos resultados

• Questão profissional

Quando explorado o primeiro item do roteiro de entrevistas (projetos de vida para daqui a dez anos), todos os vinte sujeitos mencionaram algum aspecto vinculado à questão profissional. Quatro homens (H1, H4, H8, H9) e uma mulher (M10) apontaram apenas projetos profissionais, tendo sido necessário questioná-los, posteriormente, se existiam, também, projetos no campo pessoal. Esses dados confirmam outros encontrados em pesquisas semelhantes que demonstram que, para os jovens de hoje, a questão profissional aparece como prioritária na lista de projetos vitais (Zordan, 2003; Instituto Cidadania, 2004).

Duas mulheres e um homem associaram a vontade de ter filhos com a necessidade de se obter uma estabilidade financeira:

“Filho eu não sei, porque eu sou muito exigente quanto a filho. Eu acho que você tem todo o direito de ter toda uma estrutura, uma estrutura que eu quero dar. Eu não quero que filho meu passe necessidade. Ficou doente, eu quero que vá a bons médicos, quero que estude no mesmo colégio que eu estudei, quero, no mínimo, dar para o meu filho as mesmas condições que eu tive.” (H1)

“É daqui a 10 anos eu já posso estar com um filhinho de repente de dois anos, não sei menino ou menina, e eu espero que eu já possa estar com dinheiro para pagar escola, educação. Já psicóloga formada, atendendo, e com a minha casinha própria, morando com a minha família; minha família que eu vou criar.” (M3)

“Eu acho que é o sonho de toda mulher ter filhos, mas eu acho que você só deve ter quando você tiver uma estabilidade financeira boa e que você consiga pagar tudo para o seu filho, desde creche até alimento, fralda, todas essas coisas, e depois tudo o que vem encarecendo cada vez mais, como escola e faculdade. É um sonho que eu tenho, mas só depois que eu atingir essa estabilidade financeira.”(M5)

Duas mulheres mencionaram a vontade de não se verem dependentes de seus futuros maridos:

“Eu me imagino casada; filhos ainda não, eu acho que não, mas me imagino assim, podendo me sustentar sozinha, sem depender de marido e de mãe, já podendo me sustentar.”(M7)

“Hoje a mulher se igualou ao homem, então a mulher casa e trabalha, o marido trabalha também. Eu acho que é diferente. Eu acho melhor do que antigamente, porque ficar dependendo do seu marido era um saco, ninguém hoje casa para ficar dependendo do marido, até porque nenhum homem quer mais bancar uma mulher... É ruim heim!...” (M5)

Uma entrevistada falou da necessidade de alcançar em primeiro lugar uma estabilidade financeira, para depois pensar em seus demais projetos:

“É, porque eu acho que daqui a 10 anos eu já vou estar em condições de... Já vou ter estudado tudo que eu... Não tudo o que eu pretendo, mas assim grande parte do que eu quero fazer, já vai ter dado tempo de eu fazer um mestrado, uma especialização, então eu quero primeiro estar realizando estes projetos, para depois estar pensando na minha vida pessoal e afetiva.” (M4)

Um entrevistado disse ser importante desenvolver aspectos profissionais, e conseqüentemente financeiros, para, assim, poder investir nas realizações pessoais:

“É que na verdade a independência financeira serve de plataforma para eu poder ter uma vida..., Morar com alguém, namorar, sair para jantar fora.” (H5)

Dois entrevistados, uma mulher (M6) e um homem (H4) comentaram a incompatibilidade que as noções de casamento e profissão passaram a apresentar no mundo de hoje:

“... o casamento hoje em dia é visto como um entrave para os seus objetivos, principalmente profissionais, não só a questão de ter filhos, mas também a questão de você ter uma pessoa a quem você está preso.” (H4)

“Porque está tudo muito fácil, as pessoas têm uma idealização mais profissional, mais de independência. Hoje em dia, a maioria das pessoas que eu vejo, pessoas próximas, e principalmente os homens... Está tudo tão fácil que as pessoas não têm mais como perspectiva o casamento.” (M6)

Dois entrevistados, uma mulher (M9) e um homem (H7), falaram da influência de seus pais frente à idéia de desenvolverem em primeiro lugar o aspecto profissional e financeiro para depois investirem nos demais projetos:

“E eu vejo a minha mãe com o meu pai, por exemplo, ela parou de trabalhar, mas ela já com as filhas dela ela já não estimula isso. Ela diz que a gente tem que ser independente. Tem que trabalhar; tem que estudar, por isso que eu falo que, nas atitudes dela, ela é conservadora, antiga, mas com as coisas que ela fala para a gente ela é moderna, atual. Eu acredito que ela veja muito isso pela experiência dela, porque ela fala muito – “vocês tem um exemplo em casa, não sejam como eu, como eu fui, que abri mão das coisas por causa de filho, não planejei direito as coisas na minha vida”. Então, eu vejo que ela se apega muito nas frustrações dela e fica querendo mostrar isso para a gente, para a gente não cair nos mesmos erros.” (M9)

“Os nossos pais já vieram preparando a gente para isso: primeiro você vai estudar, se formar, começar a trabalhar, porque a vida hoje está difícil, aí quando você já conseguir se estabilizar, aí você vai lá e casa, tem o seu filho...” (H7)

Essas respostas estão em concordância com as análises que demonstram que o casamento não deixou de ser importante (Féres-Carneiro, 1998), mas passou a ser adiado frente a outros projetos vitais (Zordan, 2003). Isto porque os jovens desta pesquisa, em sua grande maioria, referiram-se ao desejo de casar e de constituir família, porém, eles parecem priorizar fatores como a estabilidade financeira e o desenvolvimento da carreira.

A maior valorização dos aspectos ligados à questão profissional está frequentemente associada à difusão da ideologia individualista, que estimula a necessidade dos indivíduos de se sentirem independentes e autônomos, tornando a questão financeira uma prioridade. Essa tendência pôde ser identificada na fala dos entrevistados de ambos os sexos, já que eles revelaram privilegiar o desenvolvimento profissional de forma a se sentirem independentes, como se este fosse um “pré-requisito” para, então, pensarem nos projetos pessoais, como casamento (M4) e filhos (M3, M5 e H1).

• Casamento enquanto projeto de vida

Ao responderem ao primeiro item do roteiro de entrevistas (projetos de vida para daqui a dez anos) sete mulheres (M1, M3, M4, M6, M7, M8 e M9) falaram espontaneamente que se imaginam casadas daqui a dez anos:

“Eu me imagino já trabalhando bem, assim, ganhando bem, casada, e planejando ter filhos, de repente o primeiro filho.” (M1)

“(…) Eu acho que daqui a 10 anos eu já vou estar casada e começando a pensar em ter filhos.” (M4)

“De preferência trabalhando... trinta e três... Bom, com uma família, casada ou juntada, sei lá, alguma coisa assim.” (M8)

Outras duas mulheres (M2 e M5) não explicitaram que se imaginam casadas, mas mencionaram aspectos relacionados com a vida em família:

“Bom, eu me imagino de repente já construindo uma família, eu já vou estar formada há dez anos, então espero já estar com uma estabilidade... e de repente formando uma família, quem sabe com filhos, não sei...” (M2)

“Bom, eu me imagino bem de vida, trabalhando na profissão que eu quero, ganhando bem para de repente daqui a dez anos já poder ter um filho, não é? E, assim, cuidar bem do meu filho, ter a minha casa, pagar as minhas contas.” (M5)

Somente uma entrevistada do sexo feminino (M10) não mencionou espontaneamente nenhum aspecto relacionado à vida pessoal, sendo necessário questioná-la posteriormente. Porém, todas cogitaram o casamento como uma possibilidade para as suas vidas.

Já com relação aos entrevistados do sexo masculino, somente três (H2, H3 e H7) falaram espontaneamente que se imaginam casados daqui a dez anos. Quando questionados pela entrevistadora a respeito de seus projetos pessoais, mais dois entrevistados (H1 e H4) se imaginaram casados.

“(…) Mas, com trinta e dois anos eu pretendo estar fora de casa, de preferência casado e com filho ou eu vou ficar muito velho... Já estar com uma família e já estar fora de casa.” (H3)

“Isso que eu falei é na parte profissional. Em termos pessoais, eu espero ter, já, algum relacionamento. Eu gostaria de já estar casado, pelo menos, atualmente, são os meus plano...” (H4)

Dois entrevistados (H6 e H9) disseram que têm projetos mais concretos no campo profissional e por isso não se imaginam casados:

“Não me imagino muito na questão de relacionamento. Não me imagino muito. Não penso em nada sério, como casado, por exemplo. Quem sabe? Eu não estou fechado a isso, mas não sei, eu não me imagino. Eu me imagino mais na questão profissional, em termos de estudar...” (H6)

“Todo mundo pensa: “vou casar; não vou; com quantos anos”, não sei, eu tenho de me estruturar, viajar, fazer o que eu quero, e depois pensar nestas coisas, pode ser com alguém, pode ser sem. Mas eu pretendo estar estruturado e eu acho que com trinta e dois é mesmo a época de buscar me estruturar...” (H9)

Um entrevistado (H10) não conseguiu se imaginar daqui a dez anos, alegando ser muito tempo; entretanto, disse que daqui a cinco anos espera estar solteiro:

“Não sei, não consigo me imaginar daqui a 10 anos, mas consigo me imaginar daqui a uns cinco anos: solteiro ainda, talvez tendo algum relacionamento estável...” (H10)

Mesmo não fazendo parte dos projetos de vida concretos de cinco entrevistados do sexo masculino nenhum se opôs à possibilidade do casamento. Desta forma todos os vinte entrevistados consideraram o casamento como uma opção possível para as suas vidas, independente de ter sido planejado. Esses dados confirmam os encontrados por Zordan (2003) que também ouviu jovens adultos solteiros. Para esta autora, o casamento continua sendo desejado, porém ele não é mais o objetivo principal na vida destes indivíduos, sendo compreendido como algo que pode acontecer a qualquer momento, mesmo quando não é considerado um projeto prioritário.

• Definição pessoal de casamento

Seis entrevistados, três mulheres (M1, M4 e M5) e três homens (H3, H6, H10) definiram casamento como sendo uma relação de companheirismo e amizade. Outros aspectos semelhantes foram mencionados com menor ocorrência como, por exemplo, cumplicidade (H1), confiança (M6 e H1), fidelidade (H1), segurança (M6) e compromisso (M3 e H7):

“Como eu falei, para mim, casamento é convivência, companheirismo, um apoiando o outro, dando suporte, tanto financeiro, quanto afetivo. Apoiando em tudo.” (M1)

“Eu acho que o casamento é a união de duas pessoas, que antes de tudo devem ser muito companheiras, compreender muito uma a outra...” (H6)

“... Eu vou tentar ao máximo respeitar o casamento, em termos de fidelidade, confiança, cumplicidade, enfim...” (H1)

“Muito respeito, confiança, segurança, os dois têm que transmitir muita segurança um para o outro...” (M6)

Quatro entrevistados falaram que casamento é ter projetos juntos, dividir, partilhar, sendo eles: duas mulheres (M5 e M7) e dois homens (H1 e H7):

“... é você encontrar na outra pessoa, na sua parceira, um momento de lazer, e ao mesmo tempo, onde você possa dividir os seus problemas, dividir tudo.” (H1)

“O casamento é ter a pessoa que eu amo do meu lado, para estar morando, vivendo comigo e partilhando todos os momentos, tanto o lado profissional, a casa, o projeto de ter um filho, é ter projetos juntos.” (M7)

Seis entrevistados, quatro homens (H2, H6, H7 e H9) e duas mulheres (M4 e M5) definiram casamento utilizando o termo união:

“O casamento para mim é a união de duas pessoas que se gostam, que tem coisas em comum e que pretendem continuar o resto da vida juntas...” (M4)

“O casamento... não sei, é a união entre duas pessoas que se gostam...” (H2)

“Eu acho que o casamento é a união de duas pessoas que antes de tudo, devem ser muito companheiras...” (H6)

“Casamento é a união de duas pessoas que se querem bem..., que ajudam sempre um o outro...” (H9)

Definições semelhantes de casamento como, por exemplo, “cumplicidade”, “companheirismo” e “possibilidade de compartilhar e dividir” também foram encontradas em uma pesquisa realizada por Féres-Carneiro (2001), que ouviu 32 sujeitos casados com idades variando entre 25 a 35 e 45 a 55 anos. Todas essas respostas podem ser consideradas como “clichês”, porquanto utilizam termos recorrentes no que concerne à definição de um tipo de relacionamento como o casamento. Por outro lado, devido às suas constantes utilizações, em grupos de diferentes faixas etárias, podemos pensar que essas definições correspondem a um

conjunto de valores e idealizações que circunscrevem o significado do casamento em nossa sociedade.

Podemos pensar, também, que as idéias de “partilha” e de “união” mencionadas nas respostas dos entrevistados podem estar relacionadas com a maior igualdade entre os gêneros conquistada ao longo das últimas décadas, a qual permitiu que homens e mulheres reformulassem suas funções, tanto na esfera pública do trabalho, quanto na esfera privada da família. Em suma, valores de igualdade nas trocas emocionais ganharam espaço dentro dos relacionamentos contemporâneos.

Observamos o que foi citado por Giddens (1999 b), a respeito dos chamados “relacionamentos puros”. Os relacionamentos da atualidade tanto os sexuais, amorosos, amistosos, quanto os entre pais e filhos, atendem por esse nome, visto que têm como base a exploração da intimidade. Para este mesmo autor, este tipo de relacionamento baseado na comunicação emocional pode ser compreendido a partir de um paralelo com a democracia, uma vez que ambos comungam dos mesmos ideais ligados à igualdade de direitos e de responsabilidades de todas as partes envolvidas. Neste sentido, as definições de casamento apresentadas por alguns de nossos entrevistados se aproximam da noção proposta por Giddens sobre relacionamento puro, por abordarem aspectos como confiança, partilha, divisão, união, que são interpretados por nós como uma busca de maior igualdade dentro de seus relacionamentos íntimos.

Destacamos, também, o fato de apenas dois entrevistados, um homem (H4) e uma mulher (M7) terem feito referência ao amor em suas definições pessoais de casamento:

“O casamento para mim é um relacionamento sério, onde deve haver duas pessoas que se amem e que, além disso, possam construir uma família...” (H4)

“O casamento é ter a pessoa que eu amo do meu lado, para estar morando, vivendo comigo e partilhando todos os momentos...” (M7)

Esses resultados se afastam dos encontrados por Magalhães (1993) que entrevistou casais de diferentes faixas etárias. Nessa pesquisa, a maioria das esposas definiu casamento como relação amorosa, sendo esse dado justificado

pela maior idealização do casamento por parte das mulheres. Em nossa pesquisa, não podemos afirmar que o amor deixou de ser importante na concepção de casamento dos jovens, até porque outros aspectos de forte carga emocional foram expressos em suas definições, como cumplicidade, confiança, fidelidade e amizade. Como hipótese para a baixa frequência de respostas baseadas no amor podemos pensar que os jovens entrevistados estariam mais conscientes de que esse sentimento não se trata de algo mágico, uma vez que ao longo das últimas décadas o ideal, “casar por amor”, foi desmistificado pelo grande número de separações.

Um homem (H1) comentou que, só quando se casar, poderá saber o que é ser adulto:

“Eu acho que só quando eu me casar que eu vou me tornar realmente um adulto. Agora eu vou viver a vida que o papai levava, agora eu vou entender, agora eu vou ter a minha casa, pagar as minhas contas...” (H1)

Quatro entrevistados definiram casamento vinculando-o à idéia de formação de família, sendo eles uma mulher (M5) e três homens (H3, H4 e H8). Também duas mulheres (M2 e M9) associaram casamento e formação de família em suas primeiras respostas:

“... Eu me imagino, de repente, formando uma família. (...) Formar uma família para mim? É estar casada e, quem sabe, eu não sei, com filhos...” (M2)

“O casamento é vida de duas pessoas amigas que se gostam e que querem estar juntas de repente para o resto da vida, isso para mim é o casamento, quando um compartilha as coisas com o outro, é a tua família, a partir do momento e que as pessoas casam você está construindo uma outra família, depois de pai, mãe, avós, você vai construir a sua família com a sua mulher e a partir daí você vai querer ir aumentando essa família” (M5)

“... Porque para eu me imaginar futuramente, me imaginar uma pessoa feliz, é com certeza casada, constituindo família.” (M9)

“O casamento é a formação de uma família, eu acho que é você criar um mundo seu, ter o seu lugar e poder se desenvolver a partir deste lugar. A minha família, eu sempre tive como exemplo, um ótimo exemplo em casa, minha família é muito unida e eu acredito muito nesta instituição e eu pretendo ter a minha...” (H3)

“O casamento para mim é um relacionamento sério onde deve haver duas pessoas que se amem e que, além disso, possam construir uma família, onde os pais devem sempre zelar, mesmo que estejam trabalhando, pela educação de seus filhos...” (H4)

Esses resultados se afastam dos encontrados por Magalhães (1993) e Féres-Carneiro (1997). Nestes, diferenças significativas foram percebidas nas definições de casamento dadas por homens (“constituição de família”) e mulheres (“relação amorosa”). Em nossos resultados, constatamos o mesmo número de homens e mulheres que se referiram à constituição de família para falar de casamento.

Em uma outra pesquisa, Féres-Carneiro (2001) constatou que a definição de casamento como “formação de família” foi mais recorrente no grupo de homens mais velhos de idades entre 45 e 55 anos. Esse resultado, aliado ao encontrado por nós, pode apontar para uma possível mudança na definição de casamento dos indivíduos pertencentes às faixas etárias mais jovens.

Quatro sujeitos, três homens (H5, H6 e H10) e uma mulher (M1), disseram dispensar de suas definições idéias ligadas à formalização.

“Para mim o casamento não é tudo, mas na parte emocional, pelo menos para mim, é fundamental você ter uma companhia, não casamento no sentido das formalidades, mas de morar junto de ter uma pessoa do seu lado, um marido mesmo, para mim é muito importante.” (M1)

“Digamos que eu não acredito muito na instituição casamento no sentido de... Eu acho que o mais importante... Se esvaziou um pouco, então deu para pensar no que é mais importante que é o dividir mais certas coisas, e não a cerimônia em si, o ato oficial em si. Eu acho que o ato oficial, as vezes, é justamente para concretizar uma coisa que muitas vezes já não é mais concretizável.” (H5)

“Cara, eu acho que o casamento é a união de duas pessoas, que antes de tudo devem ser muito companheiras, compreenderem muito uma a outra, eu acho que é uma questão muito menos de casar na igreja, uma coisa menos burocrática e tal.” (H6)

Dois homens (H5 e H10) disseram que casamento é o mesmo que morar junto. Uma mulher (M10), também se referiu a essa questão, porém, apesar de considerar ambos similares na prática, revelou ter vontade de se casar:

“Por exemplo, casar e morar junto, o discurso da gente, eu acho que varia muito. Eu poderia até falar que sim, mas eu acho que não. Na prática acaba que dá no mesmo, mas eu tenho vontade de casar, de ter uma festinha, nada muito grande, mas eu tenho vontade de passar por essa cerimônia e para mim isso tem uma diferença sim.” (M10)

Esses resultados confirmam a fala de duas entrevistadas (M5 e M6) que disseram que, para os homens, a idéia de casamento é menos carregada de aspectos formais e / ou tradicionais:

“Isso que eu estava falando, os homens de hoje em dia estão muito mais difíceis de se casarem, as mulheres ainda trazem isso ainda até hoje, desde a época das nossas avós, não é nem das mães, isso tudo de casar na igreja. Mas os homens não, eles preferem juntar e já está casado, para eles isso é a vida de casado, para as mulheres isso é diferente, elas carregam isso dentro delas, esse sonho, mas não que isso vá se realizar.” (M5)

“Hoje em dia a maioria das pessoas que eu vejo, e pessoas próximas, principalmente os homens, está tudo tão fácil, que as pessoas não têm mais como perspectiva o casamento (...) Hoje em dia é difícil de você encontrar uma pessoa... As pessoas que eu converso, principalmente os meninos, não imaginam, nem pensam nisso.” (M6)

Sete sujeitos, seis mulheres (M2, M3, M5, M7, M9 e M10) e um homem (H2), entretanto, vincularam suas definições de casamento a aspectos relacionados à formalização e à religião:

“... E eu acho que eu tenho uma visão um pouco tradicional porque eu acho, eu não me veria morando com uma pessoa antes de ter casado e também não tendo filho antes de ter casado.” (M2)

“... para mim, casar é na Igreja com todos os compromissos perante a Deus que você diz sim a várias coisas, e a criar seus filhos na religião, é tudo isso, então é diferente, eu acho.” (M3)

“Bom eu acho lindo casar de noiva, na igreja, eu acho maravilhoso.” (M5)

“... O casamento deixa de ser a instituição casamento, aquele sacramento, aquela coisa sagrada, eu acho que hoje são poucas as famílias que levam a sério isso, o casamento como uma instituição, uma coisa sagrada, que tem o momento certo, as pessoas acabam deixando isso de lado.” (M7)

“Eu acho engraçado que hoje em dia a tendência aparentemente é que as pessoas não se casem. Eu, por exemplo, eu sou a favor de casar na igreja, é uma coisa que eu acho importante.” (M9)

“... O casamento não faz na verdade uma grande diferença para um relacionamento, mas que a gente no fundo quer, principalmente mulher. Eu acho que tem aquele sonho de se vestir de noiva e de passar por aquela cerimônia toda.” (M10)

“O casamento... não sei,... é a união entre duas pessoas que se gostam, não sei. Eu penso também com relação à igreja porque eu sou católico... É na igreja, com um festão, um só na minha vida. Quando eu me casar eu pretendo ficar junto para sempre, ter uma mulher só, entendeu?” (H2)

Essas respostas estão em concordância com os resultados encontrados na pesquisa feita pela ONG Instituto Cidadania (2004) que apontaram uma maior identificação dos jovens de hoje com valores considerados tradicionais como

família e religiosidade. Por outro lado, a comparação das respostas dadas por homens e mulheres demonstra que elas apresentam uma maior tendência à manutenção de aspectos ligados à formalidade e aos rituais. Já nas respostas dadas pelos homens, essas questões foram pouco mencionadas. Como justificativa para essa tendência, podemos pensar que as mulheres costumam idealizar mais do que os homens os fatores ligados à constituição e à manutenção de seus relacionamentos. Da mesma forma, essa justificativa também pode explicar a maior demanda de separação por parte das mulheres, levando-se em conta que quem muito idealiza, também muito se frustra.

De uma forma geral, mesmo notando a diferença acima descrita entre as respostas dadas por homens e mulheres, pudemos identificar a presença de diferentes valores, tradicionais e contemporâneos, nas definições de casamento dadas pelos jovens pertencentes à geração estudada. Para Chaves (1994), essa diversidade de valores e padrões está relacionada às rápidas modificações ocorridas na sociedade brasileira ao longo do século XX, que acabaram por sobrepor tanto aspectos arcaicos, quanto modernos. Segundo essa autora, os jovens, mesmo demonstrando uma postura liberal, também, possuem características hierárquicas e tradicionais, por estarem constantemente expostos aos contraditórios valores que compõem o cenário da contemporaneidade. Esse fato pôde ser observado na fala de nossos entrevistados, já que identificamos tanto valores tradicionais como fidelidade, compromisso e formação de família quanto valores contemporâneos, como igualdade e partilha, revelando a especificidade de nossos tempos em que a tradição também parece estar “em moda”.

• **Definição de casamento no mundo de hoje**

Com relação à visão que o mundo de hoje tem sobre o casamento, nove entrevistados, seis mulheres (M2, M3, M5, M6, M7 e M9) e três homens (H2, H5 e H10) acham que, para a maioria das pessoas, casar é o mesmo que juntar:

“... Também, você vê, pelo menos, eu vejo, que muitas pessoas não se casam, simplesmente se juntam e passam a ter uma vida a dois, sem ter aquela formalidade total. Então eu vejo os dias de hoje assim. As pessoas se conhecem daqui a pouco já estão morando juntas...” (M2)

“... Mas aí todo mundo fala, que eles se juntaram, eles foram morar juntos, e aí a menina se referia a isso como: “Eu casei”. Para mim isso não significa casar...” (M3)

“Porque hoje em dia está tudo muito conturbado, não existe mais o casamento, existe o morar junto, o juntar, não existe mais aquela coisa de antigamente, os valores estão completamente misturados.” (M6)

“... Eu acho que no mundo de hoje o casamento está meio banalizado, tipo: conheci você, vamos nos casar, vamos morar junto e acabou.” (H2)

Seis entrevistados, três mulheres (M2, M4 e M7) e três homens (H3, H6 e H9) ressaltaram que os casamentos de hoje acontecem e terminam muito rápido:

“... Porque nos dias de hoje as pessoas começam a morar juntas e as coisas acontecem todas muito rápido. As pessoas se conhecem daqui a pouco já estão morando juntas. Logo depois não deu certo e cada um toma seu rumo e pronto.” (M2)

“Eu acho que, mais ou menos, as pessoas hoje casam porque se gostam, aí vão morar juntas, e daqui a dois anos está acabando.” (M7)

“Por exemplo, às vezes eu estou vendo televisão, aí tem aquela Jennifer Lopes, ela vai casar agora. Ela ficou casada um ano e meio, agora ela vai casar de novo. Ela não pensa em fazer uma família, ela com certeza não pensa! Então o que ela pensa de casamento é totalmente diferente do que o que o meu pai pensa...” (H3)

Um entrevistado disse que para ele a idéia de casamento do mundo de hoje está passando por um processo de banalização:

“Eu acho que sim, eu acho que no mundo de hoje o casamento está meio banalizado (...) A parte, assim, da seriedade do casamento, da união, inclusive com Deus eu acho que não faz parte...” (H2).

Outros entrevistados colocaram aspectos similares a esse pensamento como, por exemplo:

“O casamento está meio que perdendo o sentido. Está tudo tão fácil, que não é mais um projeto, ninguém tem isso em mente...” (M6)

“... é difícil um casamento durar muito tempo hoje em dia. Ou então a pessoa se casa várias vezes e se separa, várias vezes entendeu, simplesmente vai casando, e eu acho que, justamente, não existe muito respeito. As coisas se misturam um pouco, as pessoas não conseguem diferenciar até aonde vai um e o outro, o limite de um e do outro...” (H6)

De todas as respostas dadas, apenas um sujeito (H5) disse perceber o casamento no mundo de hoje como algo positivo, uma vez que, para ele, a liberdade conquistada permitiu uma maior autenticidade na vivência dos relacionamentos. Outras três mulheres (M1, M8 e M10) e um homem (H10) conduziram suas respostas apontando para a permanência de aspectos tradicionais no significado do casamento no mundo de hoje.

Todos os outros quinze entrevistados mencionaram algum aspecto negativo referente ao significado do casamento no mundo de hoje, assumindo uma postura oposta, que pode ser considerada tradicional e / ou conservadora. Esses resultados apontam para uma característica dos jovens solteiros já observada por Jablonski (2001). Para este autor, esses sujeitos tendem a assumir posturas contraditórias quando pensam a respeito da manutenção de suas futuras uniões. Assim, eles “ora adotam uma postura de “diferenciação”, ora assumem que estão sujeitos as mesmas forças sociais / emocionais que têm levado muitos casais à separação” (p.82).

Nossos entrevistados estariam envolvidos em uma postura de “diferenciação” como propõe Jablonski, uma vez que defendem suas definições pessoais de casamento e atacam a do mundo, como se suas futuras uniões estivessem “protegidas” das tais forças que interferem nos relacionamentos dos casais de hoje.

- **Tradição**

O terceiro item do roteiro de entrevistas visava apreender a visão dos jovens solteiros sobre o casamento do tempo dos seus avós. Quando questionados a respeito dos aspectos negativos do casamento nesta época, a maioria das respostas falou de fatores ligados à falta de liberdade.

Onze sujeitos, quatro mulheres (M5, M7, M8 e M10) e sete homens (H1, H2, H4, H5, H7, H8 e H10) falaram da pouca possibilidade de escolha que tinham os seus avós e alguns chegaram a falar de casamentos por obrigação:

“... Uma coisa muito diferente, às vezes você não conhecia nem direito o cara, você não tinha um namoro, você falava com o cara, conhecia um pouquinho dele, já era meio que obrigada a casar... Eles não tinham muita liberdade para estar com quem eles quisessem estar e fazer o que quisessem...”
(M7)

“Com certeza você tinha que casar, porque tinha todo o preconceito da sociedade, a sociedade é que influenciava no casamento, às vezes as pessoas nem se gostavam tanto, foram se gostar depois do casamento, ou não. Não sei, porque a minha avó reclamou a vida inteira do meu avô, não sei se ela gostava dele, ou aprendeu a conviver.” (M8)

“Então, por as pessoas casarem mais cedo e por existirem esses comportamentos, talvez as pessoas vissem esta questão da união muito mais como uma obrigação, porque se o ato de casar não era de vontade livre e espontânea, a questão de estar sempre com aquela pessoa, podia se tornar natural pelo amor que pode crescer entre as pessoas, ou se tornar propriamente uma obrigação.” (H4)

“Bom, a gente vê que os casamentos eram arranjos, era por interesse, muitas vezes, e acho que poucas vezes era baseado no amor, como a gente acha que deve ser.” (H7)

“Eu acho que acontecia muito dos casamentos serem impostos, no caso dos meus avós, não foi, mas eu percebo, também, que eles não tiveram muitas experiências de relacionamento. Eu acho que foi a primeira pessoa que eles tiveram juntos e casaram cedo e tiveram filhos cedo...” (H10)

Essas idéias estão de acordo com as apresentadas por Biasoli-Alves (2000) em uma pesquisa que ouviu homens e mulheres de diferentes faixas etárias, nascidos a partir do final do século XIX até meados dos anos 70. Para ela, os casamentos realizados até as primeiras décadas do século XX eram, em sua grande maioria, fortemente influenciados pelas famílias de origem. Os pais definiam os parceiros e estabeleciam critérios, a fim de encaminharem seus filhos para “bons casamentos”. Dessa forma, restavam poucas possibilidades de escolha para os jovens cônjuges, que só podiam ter experiências de intimidade após o casamento. Também com relação a esse assunto, uma entrevistada (M2) mencionou o excesso de regras e formalidades que existiam na época de seus avós:

“... E um ponto negativo, eu acho que era tudo muito assim exagerado, como eu poderia dizer... Eu acho que essa formalidade que tinha entre eles mesmo antes do casamento, aquela coisa muito certinha... É tudo muito certinho eles pareciam que mal se conheciam, e já estavam noivos há anos, por isso é que eu acho que era ruim. Você tinha que seguir aquelas regras. Existiam muitas regras, você tinha que seguir e pronto.” (M2)

Sete entrevistados, quatro mulheres (M1, M4, M6, e M9) e três homens (H3, H4 e H6), referiram-se à postura machista como uma característica desta época, destacando a forte submissão da esposa à figura do marido provedor:

“A mulher era muito mais submissa e dependente de tudo, tanto financeiramente, como em relação a tudo. Não tinha essa coisa da mulher não querer mais e seguir sua vida, até porque ela dependia do marido, e isso não era bem visto.” (M1)

“Eu imagino uma repressão muito grande eu imagino que a mulher não tinha muito planejamento de vida ela era criada para casar, e muitas nem estudaram, fizeram só o básico, e eram criadas para casar, para serem donas de casa, para terem um marido que as sustentassem.” (M4)

“Eu não sei, eu acho que antigamente as mulheres casam muito cedo e eram meio que criadas para constituir família e ter filhos. (...) Por exemplo, esse negócio de cuidar do meu avô, de nunca ter trabalhado, de cuidar da família, ser “mãezona” de todos, ela é feliz assim e eu acho que tudo isso vem da criação. Ela foi educada para casar, ter filhos, e tal.” (M9)

“Não sei, mas uma idéia que eu tenho é que devia ter aquela coisa da mulher em casa e o homem saindo para o trabalho, a mulher cuidando dos filhos, aquela coisa bem machista como era antigamente.” (H3)

“Talvez, por essas pessoas casarem mais cedo, e nem sempre por vontade própria, existia ainda nesta época a questão da pessoa ser prometida, ou não ser prometida, mas pela vontade dos pais ser totalmente dominante no destino, principalmente da mulher, do homem não, principalmente por ser uma sociedade mais machista, o destino da mulher era mais traçado por outras pessoas.” (H4)

Essa postura machista destacada pelos entrevistados é semelhante à apresentada por Vaitsman (1994) na qual percebemos que a profunda divisão de papéis, segundo os gêneros, colaborou enormemente para a manutenção de práticas hierárquicas que desvalorizavam a imagem feminina, subordinando-a à figura do marido provedor. Biasoli-Alves (2000) endossa essa “desvantagem” entre os gêneros, destacando a grande quantidade de mulheres que abandonavam seus estudos e seus trabalhos, a fim de se dedicarem à vida doméstica.

Cinco entrevistados, uma mulher (M4) e quatro homens (H3, H4, H5 e H6), mencionaram o fato de que eram comuns traições por parte dos maridos:

“Eu acho que eles tinham essa coisa de que o casamento é “para sempre”, “até que a morte nos separe”, e “marido é sagrado”; então é normal ele ter uns “casinhos” fora do casamento Eu acho que a mulher deveria ser muito..., muito infeliz...” (M4)

“Então, eu vejo muitos casos, assim, graças a Deus com os meus avós eu não conheço, mas de casos daquela traição velada, onde você tinha o marido que tinha uma amante, ou ia com prostitutas mesmo, prostitutas tradicio..., aquelas de sempre, ou casos mesmo...” (H4)

Um entrevistado (H9) comentou que não consegue ver muita coisa negativa na época de seus avós, e que inclusive gostaria de ter feito parte desta geração:

“Eu já falei isso algumas vezes para uns amigos meus mais próximos, que eu não me arrependeria de ter nascido na época dos meus avós (...) De negativo, talvez a falta de privacidade, um pouco, porque tinha mesmo aquela coisa de sentar do lado, no sofá e pegar na mão, e hoje é tudo muito mais fácil. Mas eu não vejo nada tão contra assim não; vou te falar que eu não vejo tanta coisa negativa assim não.” (H9)

Com relação aos aspectos positivos do casamento na época dos avós, três entrevistados, duas mulheres (M1 e M6) e um homem (H9), falaram que nesta época o casamento era mais respeitado enquanto um valor:

“Eu acho que o levar o casamento a sério... é isso mesmo levar o casamento a sério, dar valor à união e ser para sempre. Eu acho que eles eram muitos mais convictos de que casamento é casamento; é união que é para sempre e tal...” (M6)

Três entrevistados, uma mulher (M4) e dois homens (H4 e H8), destacaram como algo positivo do casamento na geração de seus avós a maior possibilidade que eles tinham de se dedicarem à educação de seus filhos:

“Eu imagino a questão da maternidade que antigamente as mulheres tinham muito mais tempo de ser mãe, do que hoje em dia, de ser mulher mesmo, hoje é uma correria muito grande (...) Hoje, as crianças estão muito mais filhos de babá, porque as mulheres não têm mais muito tempo de estarem se dedicando como antigamente.” (M4)

“De positivo só a criação dos filhos porque acabava que ficava uma situação definida de que a mãe fica com a criação, o pai coloca o dinheiro em casa, e não brigava... Não tinha muito esse conflito dentro de casa...” (H8)

Das dez mulheres entrevistadas, nove mencionaram a maior durabilidade dos casamentos de seus avós, sendo que destas, sete (M1, M2, M6, M7, M8, M9 e M10) falaram que este aspecto é um ponto positivo da época tradicional. Já com relação às respostas dadas pelos homens, quatro (H2, H5, H6 e H9) falaram da maior durabilidade como um aspecto positivo do casamento dessa época:

“Eu acho que era uma coisa mais séria, eles davam mais valor. A pessoa casava para ficar casada para sempre. Não tinha esta coisa de casar e se não der certo separa. Era uma coisa mais sólida. Então, pelo menos a grande maioria casa para ficar casado.” (M1)

“(…) ao mesmo tempo em que tinha aquele compromisso de casado, raramente você via avós que se separaram. Então tinha aquele negócio, se você casou você assumiu um compromisso para o resto da vida.” (M2)

“(…) é isso mesmo: levar o casamento a sério, dar valor à união, ser para sempre... Eu acho que eles eram muitos mais convictos de que casamento é casamento; é união que é para sempre e tal... Tanto que eu não vejo muito, não tem não é, na época da minha avó, não tem muito casal separado, eles levavam mais a sério.” (M6)

“Ser uma vez só e para sempre. Meus avós estão casados até hoje, já faz 50 anos. Eu acho que na época deles era assim, uma vez só e para sempre.” (H2)

Essas respostas associadas às anteriores demonstram que os jovens de hoje valorizam a maior liberdade desfrutada pela sua geração, já que a maioria colocou a falta de liberdade como um aspecto negativo do casamento da época dos avós. Porém, eles parecem idealizar, também, valores considerados tradicionais como aponta as respostas dadas sobre a maior durabilidade dos casamentos.

A tendência de valorizar a maior durabilidade desse tipo de união parece condizer com a observação de Jablonski (2001), que diz existir um maior investimento dos casais de hoje em fazer suas uniões durarem, até mesmo pela verificação de que a troca de parceiro não resolve os vários problemas que caracterizam a complexidade da vida conjugal. Para este autor, os casais de hoje estariam mais conscientes de que o sucesso de uma união “não cai do céu”, mas

que é resultado de um investimento conjunto em um compromisso a longo prazo, a fim de que as dificuldades possam ser ultrapassadas. Podemos pensar que, se de fato esse pensamento tem se tornado uma tendência para os casais de hoje, ele pode estar, também, influenciando o pensamento de quem se encontra frente à possibilidade do casamento, como é o caso dos jovens solteiros.

• Transição

A época do casamento dos pais foi caracterizada na fala dos entrevistados como sendo um período de “transição” entre a geração dos avós e a deles (M8, M9, H2 e H6). Outras respostas semelhantes foram utilizadas em referência a essa época como, por exemplo, “meio termo” (H1), “época intermediária” (M4), “mais moderno do que o dos meus avós” (M2), “um pouco mais moderno” (M6), “mais ameno” (H3), “foi nesta época que o laço começou a afrouxar” (H5). Além destas respostas, três mulheres (M3, M5, M7) e um homem (H8) também mencionaram aspectos ligados a mudanças sugerindo que, em termos de geração, os pais representariam uma época de transição entre a geração dos avós e a dos jovens de hoje:

“Acho que era, talvez, meio que uma transição, já não era tanto o que os outros iam pensar, mas as pessoas já tinham mais a liberdade de escolher...”
(M8)

“Engraçado, porque os meus pais, se a gente colocasse numa linha dos meus avós e do atual, eles estariam mais ou menos numa transição, no meio, onde a coisa já era mais liberada...” (H6)

Com relação aos aspectos positivos do casamento na época dos pais, a maioria das respostas dadas foi associada ao ganho de liberdade. Onze entrevistados, cinco mulheres (M1, M2, M7, M8 e M10) e seis homens (H2, H3, H6, H7, H8 e H10) citaram a maior liberdade de escolha do parceiro como uma conquista positiva desta geração:

“De positivo é essa coisa de você poder conhecer um pouco mais a pessoa de ter uma pequena liberdade de escolher com quem você quer estar. Não era tão imposto, você casava porque queria.” (M7)

“(...) Já não era tanto o que os outros iam pensar, mas as pessoas já tinham mais a liberdade de escolher, já namoravam mais. Minha avó não falava tanto, mas a minha mãe conta que sempre tinha um monte de namorados, tinha mais essa liberdade dela mesma escolher com quem ela quer casar e ser feliz.” (M8)

“Bom, já era, assim, por escolha e com amor. Minha mãe fala que ela se casou assim, foi tranquilo, ela era mais nova do que o meu pai, e eles namoraram bastante tempo e resolveram casar, eu acho que também desde essa época dos meus pais já tem essa possibilidade de escolha, não era mais uma coisa tão forçada.” (H7)

“De positivo, o principal é que a minha mãe já escolheu casar com o meu pai, ela não foi obrigada a casar com ele, foi opção dela. Acho que o ponto positivo é que você começa a traçar você mesmo o seu caminho, você tem liberdade de escolher se quer esse ou aquele, quantos filhos você vai ter...” (H8)

Quatro entrevistados, duas mulheres (M1 e M10) e dois homens (H1 e H10), citaram a separação como algo positivo, já que essa possibilidade demonstrou um ganho substancial de liberdade:

“De positivo eu acho que apesar de ser ruim o fim de um casamento, também pode ser bom, porque se a pessoa não está bem com a outra, se ela sente vontade de terminar, seguir a vida; e ela pode encontrar outro ou não.” (M1)

“... O divórcio é algo que foi instituído em lei, eu acho que na década de 70, eu acho isso um absurdo! Até lá você não era regulamentado, você não tinha lei... Acho isso extremamente positivo!” (H10)

Quatro entrevistados, três mulheres (M5, M6 e M9) e dois homens (H9 e H10), falaram do aumento de liberdade que pôde ser observado no comportamento da mulher como um fator positivo desta época. Outros três

sujeitos, uma mulher (M1) e dois homens (H3 e H4) também mencionaram esse ganho de liberdade, através do exemplo de suas mães que trabalhavam fora:

“Dos meus pais, eu acho que já é um casamento um pouco mais moderno, a mulher mais independente, junto com o homem, já tem um crescimento junto, aquela coisa de projetar um crescimento junto, é uma coisa de acrescentar mesmo, com a mulher mais independente junto do homem, o homem compreendendo mais isso da mulher.” (M6)

“Meus pais têm quase 50 anos, então o casamento deles foi muito perto daquela época da revolução feminista (...) Ainda existia aquele turbilhão, então a mulher já ia trabalhar, a minha mãe sempre trabalhou, apesar de ter cinco filhos, poucos períodos ela ficou sem trabalhar...” (H4)

“Eu acho que o fato da mulher começar a sair mais para trabalhar. Eu acho que mudou bastante coisa, o fato da mulher se impor mais, mulheres livres, trabalhando e morando sozinhas, se sustentando.” (H9)

Dois entrevistados, uma mulher (M4) e um homem (H5), citaram a maior liberdade sexual como um ganho positivo da geração de seus pais:

“Eu acho que na época deles não tinha essa coisa, essa conscientização tão grande, não existia a AIDS assim solta, as pessoas eram mais livres para se relacionar, principalmente com relação às doenças, eu acho que você podia experimentar mais.” (M4)

“Por exemplo, rolou a liberação do sexo, eu acho isso ótimo, mas com isso acarretou uma série de conseqüências que não são culpa de ninguém, mas que, por exemplo, o fato da nossa geração ter de ser uma geração que, em termos de sexualidade, quase que menos livre, no sentido de que a gente tem que ser muito mais responsável do que foram nossos pais, o que de repente pode podar a gente em algum ponto da nossa extensão de vivências que a gente pode ter (...) a liberação sexual foi muito boa, foi, muito, porque senão, a gente não poderia ter a vida que a gente tem.” (H5)

Com relação aos aspectos negativos do casamento na época dos pais, três sujeitos, duas mulheres (M4 e M8) e um homem (H1), disseram não perceber nada de negativo no casamento desta época.

Outros três sujeitos, uma mulher (M5) e dois homens (H4 e H9), citaram a maior facilidade em se realizar o divórcio, como sendo um fator negativo:

“De negativo eu acho que na época deles, se você for parar para pensar, são poucos os pais de amigas que estão casados até hoje (...) Isso acontece mais com os casamentos de hoje, da nossa idade, da nossa geração, as pessoas casam hoje e daqui a cinco anos já estão separadas. Já na dos nossos pais duravam até um pouco mais, uns vinte e poucos anos de casados, mas também não duravam muito...” (M5)

“Por estes amigos que eu tenho eu vejo que o divórcio foi muito..., Tinham muitos pais divorciados, então eu acho que não sei se tem haver o meu caso, ou se é geral, eu vejo vários amigos com pais, assim, e eu não acho isso muito bom, não.” (H4)

Como já referido, a entrevistada M1 colocou o divórcio como um ponto positivo da época de seus pais; logo em seguida, porém, explicitou sua percepção sob um aspecto negativo:

“De positivo eu acho que apesar de ser ruim o fim de um casamento, também pode ser bom, porque se a pessoa não está bem com a outra ela se sente à vontade para terminar, seguir a vida e encontrar outro ou não. Ao mesmo tempo é negativo porque destrutura a família, principalmente quando tem filho, nunca é bom. Tanto do ponto de vista do casal, quanto dos filhos eu acho que é uma desvantagem.” (M1)

Uma entrevistada (M6) colocou a questão da desvalorização do casamento frente ao crescente movimento de modernização como um fator negativo desta época:

“Negativo, talvez o início da desvalorização do casamento, não é desvalorização, mas o início da... Você entende o que eu estou falando, o início

da... De repente foi o início da banalização, não é bem da banalização, o início de uma vida tão moderna, mais moderna e que começa a minimizar a questão do casamento. De repente, uma modernização muito rápida, uma liberdade muito grande, muito mais facilidades, as coisas começaram a ficar mais fáceis, então elas começaram a perder o sentido.” (M6)

Outro entrevistado (H5) colocou a questão da interferência do capitalismo nas relações afetivo-sexuais, que acabou por transformar o prazer em mais uma de suas mercadorias:

“Negativo, num plano mais macro teve, eu acho, essa questão do prazer aparecer como produto a ser explorado, que fez com que, o que eu acho um dos maiores crimes do capitalismo, fez com que aquilo que há de mais subjetivo e singular de cada um, que é o prazer, a sensação... que virou um objeto de comercialização.” (H5)

Essas respostas dadas por M6 e H5 estão de acordo com as questões anteriormente abordadas por nós, sobre os impactos que o processo de modernização e o capitalismo causaram nas relações afetivo-sexuais, principalmente a partir da segunda metade do século XX. Como coloca Bauman (2000), a modernização e o capitalismo permitiram a ampliação do campo de possibilidades dos indivíduos, tornando-os dependentes da “pragmática do comprar” (p.87). Essa dinâmica proposta pela modernidade teve, igualmente, reflexos contundentes no âmbito das relações pessoais, já que tanto a felicidade quanto a própria construção da identidade passaram a ser influenciadas pelo vício moderno do comprar. A mesma facilidade de se obter novas mercadorias, passou a ser sentida na substituição de parceiros, comprometendo a constituição e a manutenção dos relacionamentos íntimos do mundo moderno.

Oito entrevistados, cinco mulheres (M2, M3, M7, M9 e M10) e três homens (H6, H7 e H8), colocaram como aspecto negativo da época de seus pais a permanência de valores e regras tradicionais, que podavam a liberdade destes indivíduos:

“Mas, ao mesmo tempo, eu vejo assim, pelo que os meus pais dizem da época deles, era muito engraçado, a minha mãe foi criada pelos avós dela, então

ela teve uma criação muito rígida, a minha mãe teve uma criação muito rígida e ela foi muito mais presa. Isto é uma coisa que eu julgo ruim.” (M2)

“Eu acho que o casamento também não era bem essa coisa de você poder escolher quem ia estar do seu lado, tinham aquelas coisas de sociedade, aquelas regrinhas. Os caras que são para casar, os que não são, o que pode, o que não pode, tinha que apresentar... Namorar? Namorava, mas era aquela coisa escondida.” (M7)

“Eu acho que tem muito desta tradição ainda, eu acho que estava muito marcado pela tradição dos meus avós, eu acho que eles tinham um pouco mais de liberdade, mas por exemplo, a minha mãe casou muito cedo e para ela foi um casamento que não foi muito legal e ela acabou se separando. Acho que foi decidido muito rápido, com aquela coisa de que tem que casar cedo, então...” (M10)

“Já era um pouco diferente, mas mesmo assim, a minha mãe casou muito nova, e antigamente ainda tinha muito da mulher deixar a sua vida de lado e casar. Ela abria mão da vida dela para casar.” (H8)

Apesar de todos esses mesmos sujeitos apontarem para a permanência de valores tradicionais na geração de seus pais, eles também ressaltaram ganhos de liberdade conquistados por estes.

A análise das respostas dadas neste item demonstra algumas contradições entre os entrevistados. Primeiramente relativas ao divórcio, considerado por alguns um fator positivo pelo aumento de liberdade, e para outros, negativo por comprometer os laços familiares. Além disso, a própria questão do ganho de liberdade foi vista por alguns de forma bastante clara e para outros como um processo que se iniciava neste período, mas de maneira, ainda, incipiente. Muitos sujeitos referiram-se à presença de valores liberais, ao mesmo tempo em que ainda podiam observar resquícios da tradição e do conservadorismo da época dos avós. Essas contradições demonstram o porquê de denominarmos este período de transição, assim como alguns sujeitos o fizeram, já que nele podemos observar tanto valores tipicamente característicos do período tradicional, como também, os liberais, característicos da contemporaneidade.

Desta forma, houve uma maior concordância entre os entrevistados nas respostas referentes ao casamento da época dos avós, tendo em vista que esse se encontrava envolvido em um universo de regras sustentadas pela tradição. Para Giddens (1999 b), a tradição “estrutura o presente através de crenças e sentimentos coletivos compartilhados” e por este motivo, o casamento “à moda antiga” era tido como um “caminho natural”. Já em relação à época do casamento dos pais de nossos entrevistados, constatamos divergências entre as respostas, o que demonstra a marcante influência das mudanças ocorridas na vida dos indivíduos pertencentes a essa geração.

• Avaliação do processo de mudanças do casamento

Todos os vinte sujeitos disseram perceber nítidas mudanças referentes ao casamento nas três gerações discutidas na entrevista (avós, pais e jovens solteiros de hoje). A maioria deles avaliou que os ganhos advindos deste processo de mudanças estão sendo mal usados, provocando conseqüências negativas para a família e para o casamento do mundo de hoje.

Nove entrevistados, cinco mulheres (M1, M2, M3, M4 e M6) e quatro homens (H6, H8, H9 e H10), disseram perceber conseqüências negativas nas famílias de hoje, apontando para a desestruturação do núcleo familiar:

“Para a família é aquilo que eu falei, os filhos, mesmo que os pais não estejam muito bem, vão querer que eles fiquem juntos, a não ser que seja uma coisa muito insuportável (...) É, a conseqüência maior é esta: que desestrutura a família.” (M1)

“Eu acho que está perdendo o sentido da família, está perdendo o sentido do pai e da mãe em casa, está perdendo o sentido de uma organização de família, de jantar junto, de almoçar junto, está perdendo o sentido, daqui a pouco não vai ter mais isso... Não vai existir mais, está todo o mundo moderno demais, e perdendo o sentido, perdendo a razão de existir.” (M6)

“Essas mudanças todas, hoje, eu vejo como reflexo disto que houve uma perda da unidade familiar, até pelo fato de você ter a mulher trabalhando fora, o homem também, então você tem horários diferentes, você não tem o contato com

os filhos, eu acho que é totalmente diferente. Eu vejo pela minha casa, onde eu conto nos dedos as vezes em que eu faço as refeições com a minha família toda reunida...” (H10)

“É complicado, porque hoje em dia, isso é uma coisa que todo mundo acha, na verdade, que a família está esquecida, o relacionamento familiar vem diminuindo, até por causa desta coisa de ter os pais separados, se você mora com a mãe não passa tanto tempo com o pai, se mora com o pai já não passa tanto tempo com a mãe. (...) Sua mãe trabalha o dia inteiro para sustentar a sua casa, seu pai também, aí, acaba que vocês não se encontram mais muito regularmente.” (H8)

Uma entrevistada (M9), embora tenha avaliado negativamente as mudanças provocadas no contexto familiar, enfatizou as novas atribuições dadas à figura da mulher:

“Pois é; eu acho isso meio complicado, porque, por exemplo, é óbvio que é fundamental a mulher trabalhar, não sei o quê..., Mas eu acho que a mulher começa a colocar muito em primeiro lugar a profissão e eu acho que às vezes é complicado você colocar um filho no mundo (...) Porque fica aquela neurose de que: “você tem que ser independente”; “eu tenho que ser isso”; “eu tenho que ser mulher”; e acaba esquecendo um pouco dos filhos, e isso é uma consequência até para as gerações futuras, entendeu? Eu vejo assim, porque às vezes não é nem a mãe quem cria, é a babá...” (M9)

Oito entrevistados, quatro mulheres (M2, M4, M7, M8) e quatro homens (H1, H2, H4 e H6), avaliaram negativamente o processo de mudanças, uma vez que ele provocou uma banalização no significado do casamento e dos sentimentos nele envolvidos:

“Não tem mais aquela coisa legal de você olhar e gostar daquela pessoa, tentar conquistar, dar um sorriso num dia... Não! Hoje beija, amanhã já está com outro, então eu não sei se tem graça, vai ser sempre igual?... E aí vai casar um dia? Ou vai casar e vai olhar para o outro na rua, e para que casar, então?” (M8)

“Eu acho que o sentimento hoje em dia está meio banalizado (...) É aquilo que eu falei a liberdade fica meio banalizada e o casamento acaba virando uma

brincadeira. Muita gente não está levando a sério, o casamento vira só uma brincadeirinha: “vamos brincar de fazer uma família, vamos brincar de casinha”...” (M7)

“... Eu acho que o impacto,... Não é bem um impacto, eu acho que é uma progressão, as coisas estão ficando cada vez mais fáceis, cada vez mais o casamento e o compromisso de um casal está virando uma coisa assim, não tão forte, com era antes. O passar do tempo está enfraquecendo isto. Então o impacto é exatamente isto, esta progressão. E as conseqüências..., às vezes você quer uma mulher legal, uma pessoa direita para ter alguma coisa e realmente você não acha.” (H1)

“E para o casamento, em geral, eu acho que ficou algo que aquela instituição casamento que existia ficou banalizada...” (H6)

Dois entrevistados (M8 e H7) falaram que a liberdade desfrutada pela geração deles está sendo mal usada, o que acaba comprometendo os relacionamentos amorosos e os casamentos dos jovens de hoje:

“Talvez, hoje, os jovens tenham uma liberdade, eu não sei se é demais ou sem percepção, porque como acha que é liberdade aí acha que vale tudo, isso eu não gosto. Hoje sai com um, amanhã com outro, eu não sei se isso é liberdade, às vezes você está usando a outra pessoa, não sei...” (M8)

“Mas eu vejo as pessoas no mundo de hoje se casam mais cedo mesmo com a possibilidade de escolher, porque às vezes acontece da menina engravidar e aí eles se juntam ou se casam, e às vezes isso atrapalha (...) Então as pessoas mesmo tendo essa liberdade maior, elas acabam em algumas vezes se casando mais cedo e aí pode não dar certo...” (H7)

Dois entrevistados (M2 e H9) falaram que a liberdade hoje é vivenciada sem limites, o que da mesma forma, traz conseqüências negativas para os relacionamentos:

“Eu acho que a liberdade, hoje em dia, é muito grande, passou de um nível aceitável, pelo menos na minha concepção, então eu acho que, hoje em dia, as

coisas são muito fáceis (...) É aquele negócio, saiu do oito e foi para o oitenta. Eu acho que precisava de um equilíbrio.” (M2)

“Eu não vejo muita coisa de positivo não, sabia? Não, o que eu acho que tem é uma certa liberdade exagerada...” (H9)

Uma entrevistada (M10) colocou como consequência o aumento do número de divórcio, o que, para ela, acaba comprometendo o significado do casamento:

“É muito complicado porque eu vejo as pessoas se casando já pensando no divórcio, já pensando na possibilidade do divórcio. O casamento perdeu um pouco, quero dizer um pouco não, muito daquele valor de que é para sempre (...) É aquele para sempre até que o divórcio chegue, acaba que fica nisso.” (M10)

Apenas quatro entrevistados, três mulheres (M1, M5 e M7) e um homem (H3), fizeram avaliações positivas do processo de mudanças que alterou o significado do casamento ao longo das últimas três gerações:

“Eu acho que a evolução se dá graças a uma busca da melhora. Você busca cada vez melhorar mais. Assim, como eu também vou errar e o meu filho vai pensar “pô que babaca é esse meu pai aí, de estar fazendo essas coisas” e não vai fazer a mesma coisa. Eu acho que com o passar do tempo as coisas evoluem e evoluem sempre para melhor. Eu acho que a grande preocupação da humanidade é a de corrigir os erros. Tanto que aquele conservadorismo, aquele machismo barato, aqueles valores muito esquisitos acabaram. Isso acabou, não tinha como continuar porque aquele era um pensamento muito pequeno. Com o passar do tempo ia acabar, assim como alguns valores que a gente hoje não percebe, mas são graves erros nossos, também vão acabar.” (H3)

Das três mulheres citadas acima, apenas M5 fez somente comentários positivos, uma vez que, como demonstramos, M1 apontou consequências negativas para a família e M7 apontou consequências negativas para o casamento.

Esses resultados demonstram uma contradição na fala da maioria dos entrevistados, uma vez que eles disseram achar as mudanças positivas, porque

trouxeram uma maior liberdade; no entanto, avaliaram suas conseqüências como negativas para o mundo de hoje.

Tanto no item que visava apreender a definição de casamento do mundo de hoje, quanto neste, que abordava as conseqüências das mudanças para as famílias e para os casamentos do mundo de hoje, podemos perceber que nossos sujeitos parecem defender suas visões pessoais e atacar a postura que a sociedade atual toma frente ao casamento. Recorremos novamente à observação feita por Jablonski (2001) de que estes indivíduos parecem, em muitos momentos, tomar uma postura de diferenciação, quando pensam a respeito de suas futuras uniões. De fato, a fala de nossos entrevistados nos leva à constatação de que os jovens solteiros idealizam suas futuras uniões como se o lado ruim nunca fosse acontecer com eles. Em contrapartida eles atacam a postura da sociedade, como se os outros não soubessem aproveitar o lado bom das mudanças e do casamento. Essa postura é justificada, segundo o mesmo autor (1998), pelo fato de os jovens solteiros do “alto de seu solteirismo” pensarem e falarem do casamento utilizando uma forte carga de idealização, uma vez que ainda se encontram pensando a respeito de algo que esperam viver.

• Separação e divórcio

Dos vinte jovens ouvidos, onze eram filhos de pais casados (M1, M2, M3, M6, M8, M9, H3, H4, H5, H6 e H10), sete de pais separados (M5, M7, M10, H2, H7, H8 e H9) e dois de pais viúvos (M4 e H1).

Quando questionados a respeito do significado da separação e do divórcio, cinco entrevistados, duas mulheres (M1 e M8) e três homens (H1, H5 e H8), destacaram o aspecto positivo do ganho substancial de liberdade advindo destes. Por outro lado, M1, M8 e H5, além disso, destacaram outros aspectos negativos, como comentaremos mais adiante:

“Tem a vantagem de que se você não está feliz você separa, está certo, você tem que correr atrás da sua felicidade.” (M8)

“Bom, eu acho que na verdade, mais do que tudo, é uma dádiva para essa geração, que de repente nasceu num mundo em que era imposta uma coisa, e

conseguiu brigar por outra; eu vejo que se as pessoas não estão bem juntas, não tem o menor sentido elas continuarem juntas, por causa do laço, do pacto que foi estabelecido. As pessoas mudam...” (H5)

Um entrevistado (H3) também defendeu a separação e o divórcio por considerar que a sua legalização possibilitou a realização de algo que sempre existiu:

“Na verdade não houve uma vontade maior de se separar, a vontade de se separar sempre existiu, o que mudou foi a atitude.” (H3)

Sete entrevistados, cinco mulheres (M5, M6, M7, M8 e M9) e três homens (H2, H5 e H9), ressaltaram que a separação e o divórcio representam um aspecto negativo, já que, eles colaboram para a desvalorização do casamento e para a desestruturação da família:

“É demais, isso é aquilo que eu estava te falando, que as pessoas hoje em dia já se casam pensando em se separar (...) Isso causa toda uma desestrutura, porque acaba que acontece assim, que hoje em dia as famílias não têm mais aquela coisa de núcleo, que a gente chama, de pai, mãe e filhos...” (M9)

“... Hoje casa e amanhã separa, tem o divórcio, é tudo tão fácil. Às vezes, também, muita gente pensa nessa facilidade e pensa se está feliz hoje casa e se não der certo separa, e antigamente não era assim. Você se casava com aquele cara e era para o resto da vida...” (M5)

“Eu acho que ajuda mais ainda para o que eu estou falando de ir acabando a questão da família, a questão do casamento, até para os filhos que vêem o pai separando cedo não tem a imagem do pai e da mãe juntos, então elas aprendem, desde crianças, que não existe essa questão, essa questão está acabando mesmo (...) Eu acho que a questão do casamento deve ser levada mais a sério. As pessoas não têm muita noção do que é o casamento, do que é construir uma família, está meio perdido.” (M6)

“... Eu acho que é isso a banalização um pouco da idéia, entre aspas, acaba criando um pouco isso (...) Você fica vulnerável a querer todas as coisas, então

você sempre quer experimentar tudo novo e de repente fica superficial em tudo, aí vai de cada um, tem gente que prefere aprofundar em alguma coisa e tem gente que prefere superficializar...” (H9)

Dez entrevistados, seis mulheres (M1, M2, M3, M4, M7 e M10) e quatro homens (H6, H7, H8 e H10), disseram ver a separação e o divórcio como uma consequência negativa quando o casal tem filhos:

“Ao mesmo tempo é negativo porque desestrutura a família, principalmente quando tem filho, nunca é bom.” (M1)

“Eu acho que como consequência você pode gerar assim, primeiro que as crianças (...) é muito difícil você criar uma criança sem a presença do pai e da mãe, então, eu acho que primeiro é mais difícil para você criar os seus filhos.” (M2)

“É horrível, claro, principalmente quando você tem filhos, é horrível!” (M3)

“Não dá para negar que os filhos que são criados passam por uma infância, adolescência em uma família, não vou dizer estruturada, no modelo de pai e mãe, mas que tenham um pai e uma mãe que estejam unidos que tenham apoio juntos, é completamente diferente de uma família onde os pais se separaram, e essa criança ou esse jovem tem que buscar em outros lugares o que de repente seria um papel mais facilmente encontrado em casa...” (H6)

“Essa questão do divórcio é algo meio estranho, também, a relação pai-filho de casais divorciados, tem filhos que têm pouquíssimo contato com os pais, moram na mesma cidade, mas têm pouco contato. E existe uma relação meio conflituosa entre mãe e pai separados, sempre há um conflito entre eles...” (H10)

Destacamos a fala de sete entrevistados, três mulheres (M1, M2 e M5) e quatro homens (H4, H5, H8 e H10) que disseram ter muitos amigos com pais separados ou muitos amigos de seus pais já separados:

“De negativo eu acho que na época deles, se você for parar para pensar, são poucos os pais de amigas que estão casados até hoje (...) Com certeza. São poucas as minhas amigas que os pais continuam casados.” (M5)

“... e é muito comum ter os casais divorciados, tudo na mesma época, os pais dos meus amigos, as pessoas da minha idade. Aliás, parece ter mais pais divorciados do que pais casados, agora é que eu estou parando para pensar nisso, dos meus amigos (...) a maioria dos meus amigos tem pais separados.” (H5)

“Então eu cresci sempre com muitos colegas com pais separados, graças a Deus não foi uma coisa que eu passei em casa, porque os meus pais são casados até hoje (...) Até meu pai encontrou com uns amigos da faculdade dele agora e minha mãe estava até brincando comentado que poucas das esposas que estavam lá eram ainda as primeiras, ou seja, isso é até uma coisa que ratifica..., pessoas de uma mesma faculdade, mais ou menos a mesma época do meu pai..., Mesmo ambiente...” (H4)

Sete entrevistados, cinco mulheres (M1, M2, M6, M8 e M10) e dois homens (H1 e H10), disseram que não se opõem à separação, no caso de se defender a felicidade pessoal. Ao mesmo tempo, todos esses sujeitos, exceto H1, destacaram, igualmente, aspectos negativos da separação, como demonstramos acima:

“... Você pode se casar com uma pessoa e, de repente, por milhões de motivos não dar certo e eu acho que você deve correr atrás da sua felicidade, se você achar que é melhor para você, que você acabe com aquele relacionamento e venha a iniciar um outro eu acho que deve ser por aí.” (M2)

“... Mas eu acho que a separação por um lado tem que existir. Está certo, mas eu acho que o geral o que está acontecendo é que as pessoas usam isso mal, mas eu acho que é claro que tem que existir, não deu certo, separa.” (M6)

“Tem a vantagem de que se você não está feliz você separa, está certo, você tem que correr atrás da sua felicidade.” (M8)

“... Tem pessoas que pensam que o divórcio é mais uma ferramenta que você tem para ser feliz, você vai, casa com a pessoa, mas de repente não era isto o

que você queria, e aí só porque casou vai ficar infeliz para sempre! Então você tem essa opção...” (H1)

Podemos considerar que a separação foi percebida pela maioria dos entrevistados como sendo algo negativo por causar conseqüências para a família, além de ter sido destacada como uma marca da geração de seus pais, levando-se em conta que foi nesta época que ela passou a ser uma possibilidade mais concreta. No entanto, percebemos, através das respostas dadas, que a separação, mesmo tendo sido considerada negativa por causar efeitos nas famílias, foi percebida como uma possibilidade que pode ajudar os indivíduos a alcançarem a satisfação pessoal.

Resultados semelhantes foram encontrados por Wagner (2002) que entrevistou adolescentes a respeito dos novos arranjos familiares provenientes do recasamento. A maioria das respostas dadas sobre o significado da separação girava em torno de dois temas: uns consideravam a separação como algo ruim, triste e complicado e outros como uma forma de resolver problemas.

Para Wagner (2002), a tendência das primeiras respostas em associar a separação à sentimentos ruins e dolorosos é extremamente compreensível, por essa vivência estar associada à situação de ruptura familiar, afetando todas as pessoas participantes deste contexto.

Já, a tendência de se pensar na separação como uma forma de resolver problemas aponta, a nosso ver, para uma característica marcante dos jovens de hoje, revelada pela pesquisa da ONG Instituto Cidadania (2004), na qual essa geração foi identificada pela sua grande preocupação com questões que tenham interferências concretas em suas felicidades. Assim, mesmo se tratando de questões que tenham repercussões no contexto da família, esses sujeitos parecem, em alguns casos, priorizar a questão da felicidade pessoal. Essa característica dos jovens de hoje pode ser compreendida através da forte influência de valores individualistas que fazem parte do contexto da contemporaneidade. Mais adiante, exploraremos, também, outras repercussões que tais valores exercem na vida dos jovens solteiros.

• **Influências familiares e a troca intergeracional**

Em algumas respostas dadas pelos entrevistados conseguimos identificar influências provenientes da convivência familiar na vida dos jovens solteiros, interferindo, principalmente, em suas concepções referentes ao significado do que é ser família. Três entrevistados, duas mulheres (M2 e M6) e um homem (H6), explicitaram essa questão quando se referiram à separação e ao divórcio:

“... Eu acho que por eu ter sido criada numa família onde os pais ainda estão juntos, eu vejo isso como muito importante (...) Eu tenho muitos amigos que os pais são separados e que na família existiram milhões de separações entre os tios e tias e eles vêem a separação como uma coisa muito natural...” (M2)

Três entrevistados, duas mulheres (M2 e M9) e um homem (H3), disseram valorizar a formação de família devido ao exemplo que tem em casa:

“Não sei, eu acho que é por causa da minha família que meus pais são casados até hoje, o meu irmão também é casado e mora com a mulher e com a filha, então eu não sei, eu acho que eu tenho uma visão um pouco tradicional (...) Eu acho eu não me veria morando com uma pessoa antes de ter casado e também não tendo filho antes de ter casado.” (M2)

“Para mim é muito importante, porque para eu me imaginar futuramente, me imaginar uma pessoa feliz, é com certeza como uma pessoa casada, constituindo família, para mim, isso é fundamental (...) porque para mim é muito assim... a minha família é muito família, eu sempre fui criada neste ambiente de família, eu tenho três irmãos, então, bem ou mal, eu sempre gostei muito disso de família.” (M9)

“A minha família, eu sempre tive como exemplo, um ótimo exemplo em casa. Minha família é muito unida e eu acredito muito nesta instituição. Eu pretendo ter a minha...” (H3)

Wagner, Falcke & Diehl (2002), como já exposto, salientam a existência de uma ligação significativa entre a percepção que o indivíduo tem da relação de seus pais e a forma como ele irá realizar o seu próprio ajustamento conjugal. Nas respostas dadas percebemos a influência exercida pelo referencial dos pais em assuntos como família e separação. Porém, os jovens entrevistados manifestaram,

de uma forma geral, uma grande preocupação com a família, independente de o exemplo de casa ser uma família original ou recasada. Citamos a fala de um dos entrevistados com relação à separação de seus pais:

“Mas eu acho que até por eu ter essa vivência de separação, eu acho que isso aumenta a minha possibilidade de dar certo enquanto casal (...) Porque eu vejo os erros que eles cometeram e porque que deu errado, e já sei que aquilo ali já vai dar errado.” (H8)

Além das influências exercidas pelos pais destacamos o significativo contato dos jovens de hoje com as gerações mais idosas. O contexto contemporâneo ampliou as referências familiares devido ao fato de, hoje, as pessoas viverem mais. Essa questão pôde ser observada em nosso estudo, uma vez que todos os vinte entrevistados disseram ter tido ou ainda ter contato com algum de seus avós. H6 disse morar com os pais casados e com uma avó, já M5, com a mãe separada e com uma bisavó e H2 com a mãe separada e com o casal de avós maternos. Ainda relativo a essa questão, uma entrevistada colocou:

“... Os velhos estão ficando cada vez mais velhos, então os avós estão entrando na família também, então é uma diferença muito grande de crianças pequenas que moram com a bisavó...” (M4)

Um entrevistado (H1), que durante a infância morou com sua avó materna, apontou diferenças provenientes deste contato:

“Por parte de mãe, a minha avó ainda é viva. Contato? Ela foi praticamente quem me criou (...) Não na parte da adolescência, porque aí ela já não morava mais com a gente. Mas na infância sim. Você via que as crianças mais largadas falavam palavrão, eu não falava. Essa parte mais comportamental foi influenciada no começo...” (H1)

Um entrevistado (H9) mencionou o quanto aprende através do contato com pessoas de gerações mais velhas:

“Eu vejo muito isso nas pessoas mais velhas que eu conheço, o pessoal mais experiente, mais velho, eles dão o valor das coisas, eles buscam a essência e eu gosto disso, de buscar realmente o que é que é, até para poder sentir mais prazer depois.” (H9)

Desta forma, o contato de nossos entrevistados com as histórias de vida de seus familiares revelou as marcantes mudanças que perpassaram a experiência destas três gerações. Essas respostas aliadas às dadas no item sobre a tradição demonstraram que os avós são referências destes valores na vida dos jovens, servindo de exemplo em questões como: durabilidade dos relacionamentos, educação e maturidade.

• Individualismo

A análise das respostas dadas demonstrou a presença da ideologia individualista na fala dos entrevistados através de duas formas: (1) influenciando suas posturas com relação à questão do casamento; (2) como crítica a presença destes valores no mundo de hoje.

Na fala de sete entrevistados, cinco mulheres (M1, M2, M6, M8 e M10) e dois homens (H1 e H10), conseguimos identificar a influência de valores individualistas em suas posições a respeito do divórcio e da separação, como explicitado anteriormente:

“Se a pessoa não está satisfeita, se acha que tem que mudar, ela tem que ter a liberdade e o livre arbítrio para poder mudar.” (H10)

“É, mas também é assim, eu tenho muita vontade de me casar, mas também se não der certo, eu não me imagino também tendo receio de me separar. Eu prefiro a minha felicidade, eu não pretendo estar dentro de um casamento em que eu não me sinta feliz.” (M10)

Jablonski (1998) constatou em sua pesquisa a influência de valores individualistas nos motivos que têm levado os casais da atualidade à separação. Segundo os seus resultados, os motivos de ordem social como pressões familiares, religiosas e sociais têm pouca importância para se evitar uma separação, frente aos

motivos relacionados à intimidade e à subjetividade como o medo da solidão, sofrimento e sentimento de culpa, que seriam considerados aspectos mais individualistas.

Nas respostas destacadas acima, podemos identificar a presença destes valores no que se refere as idéias de nossos entrevistados sobre a separação. As respostas apontam valores individualistas, uma vez que priorizam as necessidades e o bem-estar pessoais, em detrimento das necessidades do casal.

Sobre esse assunto, Féres-Carneiro (1998) nos lembra que os ideais individualistas, estimuladores da autonomia dos cônjuges, acabam, também, indo de encontro a uma proposta viável de uma vida conjugal, uma vez que confrontam diferentes valores. Wagner, Falcke & Diehl (2002) também apontam o individualismo como um dos principais motivos que têm levado os casais à separação. Para estes autores, a pouca tolerância frente às dificuldades advindas da vida a dois, levariam os casais de hoje a viverem seus relacionamentos de forma temporária e descartável.

Outras influências da ideologia individualista puderam ser identificadas nas posturas dos entrevistados:

“Antigamente, para qualquer coisa, você precisava da autorização dos seus pais, hoje não, a partir do momento em que você casou, você tem lá a sua vida e os seus pais estão lá na casinha deles e eles que não se intrometam mais na sua vida.” (M5)

“Mas eu evito um pouco de pensar, de filosofar, sobre como está essa imagem, nessa parte eu sou muito prático e até um pouco egoísta. Tudo bem que o mundo está assim, mas eu tenho que ver o meu e procurar alguém que se encaixe comigo, no fundo eu acho que todo o mundo é um pouco assim.” (H1)

Dois entrevistados (H5 e H6) apresentaram valores individualistas em suas definições de casamento:

“É ter um relacionamento baseado numa certa ética que o casal concordou, não é nenhuma ética universal, pode variar de casamento para casamento, mas um certo jogo de regras, que os dois estão cientes.” (H5)

“Eu acho que é uma questão, muito menos, de casar na igreja, uma coisa menos burocrática e tal. Eu acho que cada um deve manter a sua individualidade, entendeu, e ter um espaço em comum e eu acho que é nesse espaço em comum que vai acontecer o casamento.” (H6)

Na categoria anteriormente discutida sobre a questão profissional, também, pudemos perceber a influência da ideologia individualista na fala dos entrevistados, porque a maioria revelou uma grande preocupação com esse aspecto. O desenvolvimento profissional passou a ser associado à conquista de autonomia, por, conseqüentemente, gerar independência financeira sendo este um fator-chave para se alcançar à auto-realização em uma sociedade regida pelo capitalismo como essa em que vivemos.

A adesão de indivíduos mais jovens a valores individualistas foi igualmente identificada na pesquisa realizada por Magalhães (1993), que entrevistou casais de diferentes faixas etárias. Por serem parte de uma geração que nasceu em pleno período de difusão destes valores, os jovens estariam mais suscetíveis a aderirem a questões que tenham interferência direta em suas felicidades. Para Magalhães (1993), a própria forma que os jovens têm de pensar a respeito do casamento é impregnada de valores individualistas, tendo em vista que eles privilegiam aspectos vinculados à satisfação pessoal de cada parceiro em detrimento de outras questões conjuntas.

Como explicitamos anteriormente, o individualismo foi identificado na fala dos entrevistados através de críticas à presença destes valores no mundo de hoje, já que eles interferem na manutenção da família e do casamento:

“Eu acho que a gente está mais exigente, cada vez mais exigente, cada vez mais prezando essa felicidade acima de tudo, então qualquer tristeza, qualquer coisa que não dê certo a gente já pensa “eu vou ter que conseguir dar certo, porque eu sou livre, porque eu agora não tenho essas tradições mais tão arraigadas”, então eu acho que isso é ruim para a família fica cada vez mais difícil de você construir uma família.” (M3)

“Porque está tudo muito fácil, as pessoas têm uma idealização mais profissional, mais de independência, hoje em dia a maioria das pessoas que eu vejo,

e pessoas próximas, principalmente os homens, está tudo tão fácil, que as pessoas não tem mais como perspectiva o casamento.” (M6)

“É, está muito individualizado, não tem mais..., os grupos não estão mais muito sedimentados e isso reflete na família...” (H9)

Um entrevistado (H8) falou do medo que as pessoas têm de se comprometer através do casamento, ressaltando a questão da perda da individualidade.

“Eu acho que o pessoal tem medo de casar, mesmo, não sei eu acho que porque a maioria dos jovens de hoje em dia tem pai e mãe separado, já viveu esse tipo de problema..., porque bem ou mal quando você está casado a sua vida passa a ser junto de outra pessoa. Quando você está namorando você tem a sua vida que é independente da outra pessoa, só que vocês estão juntos. Quando está casado não, você briga e não pode ir para a casa da sua mãe, tem que ir dormir na mesma cama, acordar no dia seguinte e olhar na cara da pessoa mesmo com o que aconteceu...” (H8)

Essas respostas apontam para o fato de que mesmo sendo forte a influência dos valores individualistas nos posicionamentos dos jovens de hoje, eles também se incomodam com a presença exagerada destes valores na sociedade em que vivem. Essa nossa afirmação se baseia no fato de muitos entrevistados terem feito críticas à postura da sociedade frente às mudanças abordadas. Assim, mais uma vez, assumindo uma postura de diferenciação, como se estivessem à parte das influências individualistas que compõem o cenário atual, eles criticam a sociedade por apresentar esses valores.

Obtivemos, então, tanto respostas influenciadas pelo individualismo, como respostas críticas relativas à presença destes valores na sociedade o que, em nosso ponto de vista, representa a diversidade que compõe o contexto atual. Jablonski (2003) também comenta essa diversidade observada nos dias de hoje alertando-nos para os riscos advindos desta. Segundo este autor, a sociedade atual estimula nos indivíduos posturas contraditórias por expô-los a ambivalentes valores. Nossa sociedade preza pelo individualismo e, ao mesmo tempo, exige um espírito de familismo por parte dos casais, e é esta ambivalência que nos permite identificar

muitos casais em um estado de confusão de valores e atitudes, assim como, também, manifestaram alguns de nossos entrevistados.

6

Considerações finais

Certa vez, em uma aula da pós-graduação, quando discutíamos as bases metodológicas deste trabalho, foram feitos os seguintes questionamentos: “Será que ainda hoje as pessoas querem se casar?”; “O que é o casamento?”; “Será que ele ainda existe?”.

Acreditamos que a emergência destes questionamentos é consequência do fato de a sociedade atual ser regida por noções plurais, que articula diferentes valores e permite o convívio tanto do que é tido como conservador quanto do que é inovador e contemporâneo. Para compreendermos essa pluralidade que caracteriza a sociedade atual, de uma forma geral, não levando em conta, apenas, as questões referentes à família e ao casamento devemos, em primeiro lugar, destacar que toda mudança se caracteriza por um movimento processual, que não subtrai, e sim, soma experiências, possibilitando o convívio da diversidade.

Através de nossa revisão bibliográfica e estudo de campo tentamos responder aos três questionamentos feitos acima, sem a pretensão de obtermos generalizações, mas buscando ampliar o nosso entendimento referente a algumas questões que compõe este assunto.

“Será que ainda hoje as pessoas querem se casar?” Os jovens solteiros, por nós estudados, demonstraram que sim. O casamento continua sendo um projeto importante, porém esse tipo de união deixou de ser supervalorizado frente a outros projetos vitais. Mesmo nos casos em que o casamento não foi citado como algo concreto, ele apareceu como uma possibilidade que pode acontecer independente de ter sido planejado.

Através das respostas dadas percebemos que os jovens entrevistados não têm um projeto imediato de casamento. A pergunta feita a eles envolvia um planejamento de longo prazo, visto que dizia respeito a um intervalo de dez anos. Ahamos que esse distanciamento faz com que o casamento apareça entre os possíveis projetos desses sujeitos, já que eles parecem imaginar uma fase mais madura de suas vidas, desejando uma maior estabilidade.

Foi identificada uma forte preocupação, de nossos sujeitos, com a questão profissional, uma vez que ela pareceu estar associada a um sentimento de ganho de independência. A ênfase dada por esses jovens ao trabalho é perfeitamente

condizente com as expectativas sociais que vemos atualmente. A influência do capitalismo transferiu o valor individual do “ser” para o “ter”, estimulando nos indivíduos a necessidade de adquirirem um desenvolvimento profissional e, conseqüentemente, uma estabilidade financeira.

Por outro lado, essa tendência de priorizar a questão profissional pode ser interpretada como uma defesa que adia o confronto com a possibilidade do casamento. Isto porque, o trabalho representa um projeto individual que depende do esforço próprio; porém o casamento representa um projeto em conjunto, que expõem o indivíduo à vulnerabilidade do convívio com o outro. Assim, ter que investir na carreira profissional pode servir como uma forma de se evitar o contato com as renúncias e dificuldades provenientes da escolha de uma vida a dois.

“O que é o casamento?” Para a maioria dos entrevistados o casamento foi definido como sendo uma relação de companheirismo, amizade, união, na qual deveria haver projetos em comum e a divisão de aspectos financeiros e afetivos. Vimos, também, que a definição de casamento de nossos jovens solteiros foi divergente da apresentada pela literatura sobre o tema que aponta para uma diferença significativa entre a definição feminina e a masculina, como relação amorosa e constituição de família, respectivamente.

As respostas analisadas por nós não revelaram essa diferença, já que a questão da família foi abordada por jovens de ambos os sexos e o amor foi mencionado apenas por dois entrevistados. Essa divergência evidenciada em nossas entrevistas pode estar apontando para uma possível mudança de definição de casamento por parte dos indivíduos mais jovens, sendo esta uma questão que deve ser mais bem explorada em trabalhos futuros.

Os jovens revelaram uma profunda preocupação com aspectos referentes à família. Sete entrevistados eram representantes da geração conhecida como “filhos do divórcio”, e cinco deles, filhos de pais casados, disseram conhecer muitos amigos de pais separados. A proximidade de nossos sujeitos com essas vivências de separação pode ser interpretada como um dos motivos para o aumento da preocupação desses jovens com as questões referentes à família. Podemos pensar que à proporção que essa preocupação aumenta, aumenta também o desejo de conseguir formar uma família longe dos freqüentes problemas que observamos no contexto de hoje.

Em contrapartida, o “casar por amor” parece estar sendo desmistificado pelo fato de muitas uniões advindas deste ideal mágico terem sido desfeitas em um curto espaço de tempo. Como hipótese para a baixa frequência de respostas que associaram o amor à definição de casamento, podemos pensar que os jovens solteiros entrevistados estariam mais conscientes de que o sucesso de um casamento não depende exclusivamente da presença deste sentimento.

Constatamos, também, uma significativa diferença entre as repostas dadas por homens e mulheres, no que diz respeito à vinculação de aspectos tradicionais às suas definições de casamento. As mulheres parecem mais inclinadas à manutenção das formalidades, valorizando questões como a religião e fazendo uma clara distinção entre o casar e o morar junto. Esse posicionamento parece demonstrar que, por parte das mulheres, existe uma maior idealização de seus relacionamentos íntimos, fato este não percebido na fala dos homens.

Do que foi exposto, vemos que as definições de casamento apresentadas por nossos jovens foram semelhantes no que se refere aos aspectos afetivos, que como vimos envolviam sentimentos como partilha, união e companheirismo. Em relação à forma, observamos diferentes definições, tendo sido mencionado tanto o padrão tradicional de união quanto o morar junto. Podemos pensar que, neste sentido, não existe mais uma definição específica do que vem a ser o casamento. Existem, sim, definições de casamento, na medida em que esse seu significado passou a ser estipulado de maneira particular, dentro do campo de experiências de cada indivíduo.

Em relação à percepção dos entrevistados sobre o casamento na época de seus pais e avós notamos que a diferenciação mais significativa foi relacionada ao gradual ganho de liberdade e autonomia conquistados ao longo dessas três gerações. O casamento da época dos avós foi caracterizado pela ausência de escolhas e pela desvalorização da figura feminina, sendo influenciado pelas famílias de origem e pelas expectativas sociais. A maior durabilidade dos relacionamentos foi apontada como o fator mais positivo do casamento nesta época. Conseguimos, assim, encontrar uma proximidade entre a percepção dos entrevistados e os aspectos abordados em nossa revisão bibliográfica sobre o casamento desta época, já que a forte presença de valores tradicionais acabava por aproximar as vivências dos relacionamentos, através das regras sociais.

Já o casamento da época dos pais foi definido como um período de transição, isso porque mudanças substanciais começaram a ocorrer nessa fase. Por outro lado, identificamos contradições entre os posicionamentos dos entrevistados no que se refere aos aspectos positivos e negativos do casamento desta geração. Primeiramente, a questão do divórcio foi percebida por alguns como algo positivo por representar uma maior autonomia na vivência dos relacionamentos, já por outros, como negativo por desestruturar o núcleo familiar. Também, a questão do ganho de liberdade foi vista por uns como bastante significativa e por outros como um processo ainda incipiente, devido à presença de resquícios da tradição. Esse misto de valores e de posicionamentos é que nos leva a definir a experiência dessa geração como uma experiência de transição, assim como o fizeram alguns de nossos entrevistados.

O contato dos jovens solteiros com as histórias de vida de seus pais e avós serviu para apontar que eles se incomodam com os valores autoritários e hierárquicos da tradição identificados nas experiências dessas gerações. Em contrapartida, notamos que nossos sujeitos estimam outros aspectos tradicionais que davam aos cônjuges uma maior sensação de segurança em seus relacionamentos.

A definição de casamento observada no mundo de hoje foi caracterizada pela falta de compromisso e pela banalização deste tipo de relacionamento, revelando uma postura crítica de nossos entrevistados em relação à sociedade atual. Da mesma forma, quando questionamos a avaliação do processo de mudanças que atingiram o casamento, notamos uma contradição no discurso dos entrevistados, uma vez que eles disseram achar as mudanças boas, porém avaliaram mal as suas conseqüências para a sociedade.

Em ambas as categorias, consideramos que a crítica dos jovens à postura da sociedade serviu como uma tentativa de demonstrar uma diferenciação entre eles. Nossos jovens revelaram uma certa onipotência em seus discursos, pois em sua grande maioria, se colocaram a parte das influências negativas que interferem na experiência dos casais de hoje. Essa característica pode ser vista como natural por se tratar de um discurso baseado em idealizações e expectativas futuras sendo derivado da esperança de que com eles será diferente.

A separação e o divórcio foi um tema que revelou divergências nas respostas dos entrevistados, uma vez que foi abordado tanto pelo seu aspecto

positivo no sentido de um ganho substancial de liberdade, quanto pelo seu aspecto negativo de ser causa da desestruturação das relações familiares. Muitos jovens referiram-se à separação como algo ruim quando o casal tem filhos, o que reforça nossa observação de uma forte preocupação desta geração com as questões familiares.

Por outro lado, a separação também foi mencionada como uma possibilidade concreta no caso de se buscar a satisfação pessoal. Muitos entrevistados disseram que não manteriam um casamento se não estivessem se sentindo felizes, e assim, a separação surge como uma opção de se buscar num próximo relacionamento maior felicidade. Esse posicionamento se contrapõe ao anterior, em que falávamos da forte preocupação com a família, por ele revelar uma postura individualista, fundamentada no bem-estar pessoal.

Talvez as respostas dadas com relação ao divórcio e a separação possam servir de metáfora para explicitar a grande contradição percebida nestes jovens, expressa pelo seguinte questionamento: como harmonizar as necessidades individuais, a busca da autonomia e da auto-realização com a necessidade de se criar e de se manter uma família?

Os jovens solteiros são parte da geração dos que nasceram em meio a forte difusão da ideologia individualista. De uma forma geral, seus pais podem ser considerados os representantes da luta e da defesa destes valores. Desse modo, eles tiveram a oportunidade de conviver não apenas com os benefícios provocados por estes, mas também com as suas demais conseqüências.

Assim, conseguimos identificar em suas falas a mesma contradição imposta pelo individualismo às famílias da contemporaneidade: como lutar por esses ideais e, ao mesmo tempo, ser família e ser casal? Essa contradição pode ser entendida pela forma ambivalente com que a sociedade atual age em relação ao casamento, estimulando posturas contraditórias dos indivíduos frente a este tipo de relacionamento.

Hoje, ouvimos falar que os jovens são liberais, que têm suas experiências íntimas marcadas pela falta de compromisso e pela descartabilidade e assim, criamos uma imagem duvidosa relativa ao futuro da família, já que esses jovens representam a geração dos “casais de amanhã”. Essa percepção é reforçada pelo exemplo da mídia que apresenta celebridades que casam e descasam no intervalo de poucas publicações de revistas. Os jovens por nós entrevistados revelaram uma

postura oposta tendo, inclusive, criticado essa “rotatividade” observada em alguns relacionamentos atuais, demonstrando que essa imagem descompromissada representa mais um estereótipo do que uma realidade.

Assim, podemos tentar responder a última pergunta: “Será que o casamento ainda existe?” De acordo com as respostas de nossos entrevistados, sim, ele ainda existe como um desejo de se encontrar a felicidade, independente de o caminho escolhido ser mais conservador ou mais liberal.

Concluimos que os jovens solteiros de hoje são influenciados por diferentes valores que impedem que possamos classificá-los como tradicionais ou contemporâneos, já que estes estão mesclados em seus pontos de vista, demonstrando a existência de diferentes formas de “ser jovem” no contexto atual. A análise da categoria individualismo revelou essa multiplicidade de formas de “ser jovem”, uma vez que percebemos tanto a adesão dos entrevistados a esses valores, como também conseguimos notar um posicionamento crítico em relação a eles.

Parece-nos que todo o processo de mudanças, aqui estudado, buscou modificar as estruturas existentes de forma a permitir uma maior liberdade e autonomia por parte dos indivíduos, visando, assim, à obtenção de uma maior felicidade. Mas, essa busca da felicidade pode representar um arriscado projeto, quando pretende atingir um estado de constante satisfação através da vivência de um relacionamento.

Sartre apud Erthal (1989), destacou na peça “Entre quatro paredes”, o seguinte pensamento: “o inferno são os outros”. Essa frase demonstra toda a dificuldade que reside no ato de nos relacionarmos, uma vez que ele encerra o encontro de duas liberdades, ou em outras palavras de duas individualidades, sendo o conflito proveniente deste encontro, a própria experiência do “inferno”. Desta forma, enquanto o homem continuar tendo como projeto encontrar uma constante sensação de felicidade através de seus relacionamentos, ele estará fadado ao fracasso, porque a maior dificuldade vivenciada em nossa experiência humana é justamente o ato de nos relacionarmos.

Os jovens solteiros, por nós estudados, revelaram que também fazem parte dessa multiplicidade que compõe o contexto da atualidade, assumindo diferentes posicionamentos frente aos valores tradicionais e contemporâneos aos quais estão expostos. Mas, independente da denominação que possamos dar a esses valores,

percebemos que a intenção que faz com que eles apareçam é a busca da felicidade. E é essa busca que impulsiona a maioria dos indivíduos contemporâneos, confrontando-os com barreiras e, conseqüentemente, exigindo superações.

A procura da felicidade, não deve depender de apenas um aspecto da vida e nem pode ser alcançada sozinha, ela se concretiza através da conquista de uma experiência complementar dos diversos aspectos de nossa vida, no contato de cada um de nós com o mundo, com os outros, através de nossa família e de nossos amores, e é por isso que está constantemente vulnerável ao surgimento de conflitos. Toda essa pluralidade percebida, hoje, nos relacionamentos íntimos podem estar significando uma tentativa de solucionar as várias implicações advindas do complicado processo de nos relacionarmos.

Esse trabalho representa apenas mais um enfoque a respeito dos temas que compõem o significado do casamento na contemporaneidade, já que consideramos que essa questão é um processo que estará sempre em constante construção. Os jovens solteiros representam a geração dos que podem dar continuidade a este movimento de mudanças, pois ainda irão realizar as suas escolhas, tornando-se, a nosso ver, sujeitos cujas opiniões são imprescindíveis para se alcançar uma compreensão adequada sobre este tema, nos dias de hoje.

7

Referências bibliográficas

ARIÈS, P. (1973) **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro, Editora Guanabara.

AYLMER, (1989) O lançamento do jovem adulto solteiro. In. CARTER, B. & MCGOLDRICK, M. Org. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre, Artes Médicas.

BAUMAN, Z. (2000) **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

BERQUÓ, E. (1998) Arranjos familiares no Brasil. In. NOVAIS, F. (org). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo, Cia das Letras.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (2000) Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira do século XX. In: **Teoria e Pesquisa**, vol.16 n° 3, p.233-239.

CAMPOS, P. M. (1960) Desquitados que se amam. In **O Cego de Ipanema**. Rio de Janeiro, Editora do Autor.

CHAVES, J. (1994) **“Ficar com”**: um novo código entre os jovens. Rio de Janeiro, Revan.

COSTA, J. F. (2003) **O culto ao corpo substitui o dos sentimentos**. Rio de Janeiro, Jornal da família, Jornal O Globo.

DIEHL, A. (2002) O homem e a nova mulher - novos padrões sexuais de conjugalidade. In. WAGNER, A. (org). **Família em cena: tramas, dramas e transformações**. Petrópolis, Vozes.

DOLTO, F. (1988) **Quando os pais se separam**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

ERIKSON, E. H. (1987) **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro, Guanabara.

ERTHAL, T.C.S. (1989) **Terapia vivencial: uma abordagem existencial em psicoterapia**. Petrópolis, Vozes.

FÉRES-CARNEIRO, T. (1987) Aliança e sexualidade no casamento e no recasamento. In: **Teoria e Pesquisa**, 3, 250-261.

_____ (1997) Escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 10, n. 2, p.354-368.

_____ (1998) Casamento Contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. In. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.11 n. 2, p.379-94.

_____ (2001) Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal. In. FÉRES-CARNEIRO org. **Casamento e família do social à clínica**. Rio de Janeiro, Nau.

FIGUEIRA, S. A. (1978) **Individualismo e psicanálise**. Dissertação de Mestrado, PUC-RJ.

FOLHA DE SÃO PAULO / DATAFOLHA (1998) **Família**. Suplemento especial, edição de 20/09.

GIDDENS, A. (1992) **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo, Unesp.

_____ (1999 a) **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

_____ (1999 b) **O mundo em descontrole**. Rio de Janeiro, Record.

GOLDENBERG, M. (2000) De Amélias a operárias: um ensaio sobre os conflitos femininos no mercado de trabalho e nas relações conjugais. In. _____. (org). **Os novos desejos**. Rio de Janeiro, Record.

HALL, S. (1992) **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP & A Editora.

HENRIQUES, C. R. (2003) **Geração Canguru: o prolongamento da convivência familiar**. Dissertação de Mestrado, PUC-Rio.

IBGE (2001) Diretoria de Pesquisas, Departamento de população e indicadores sociais, Estatísticas do registro civil.

JABLONSKI, B. (1998) **Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo**. Rio de Janeiro, Agir, 2ª edição.

_____ (2001) Atitudes frente à crise do casamento. In. FÉRES-CARNEIRO org. **Casamento e família do social à clínica**. Rio de Janeiro, Nau.

_____ (2003) Afinal o que quer um casal? : Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. In. FÉRES-CARNEIRO, T. (org). **Família e casal: arranjos e**

demandas contemporâneas. Rio de Janeiro, Editora PUC-Rio / Edições Loyola.

MAGALHÃES, A. S. (1993) **Individualismo e conjugalidade: um estudo sobre o casamento contemporâneo.** Dissertação de mestrado, PUC-Rio.

NICOLACI-DA-COSTA (1989) Questões metodológicas sobre a análise de discurso. **Psicologia: Reflexão e Crítica.** Porto Alegre, 4, n 1,2.

NOVAES, M.H. (2003) **Troca intergeracional e criatividade.** Trabalho realizado no departamento de psicologia da PUC-Rio.

PEREIRA, M. (2004) **Conservadores ou modernos? (1 e 2).** Rio de Janeiro, Coluna Merval Pereira, Jornal O Globo.

REZENDE, C. B. (1990) Diversidade e identidade: discutindo jovens de camadas médias urbanas. In VELHO, G. (org.) **Individualismo e juventude.** Rio de Janeiro, Museu Nacional.

SAMARA, E. M. (1983) **A família brasileira.** São Paulo, Brasiliense.

SIMMEL, G. (1971) **On individuality and Social Forms, Selected Writings.** LEVINE, D. N. (org.). Chicago, TheUniversity of Chicago Press.

STOPPE JR, A. & LOUZÂ NETO, M. R. (1999) **Depressão na terceira idade: apresentação clínica e abordagem terapêutica.** São Paulo, Lemos Editorial.

VAISTMAN, E. (1994) **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas.** Rio de Janeiro, Rocco.

VEJA EDIÇÃO ESPECIAL (2004) **Jovens.** São Paulo, Editora Abril.

VERCAUTEREN, R., PREDAZZI, M. & LORIAUX, M. (2001) **L' intergénération – une culture pour rompre les inégalités sociales.** Paris, Érès.

VIANNA, H. (1997) **Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais.** Rio de Janeiro, Editora da UFRJ.

WAGNER, A., FALCKE, D. & MEZA, E.B.D. (1997) Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos. In. **Psicologia: reflexão e crítica.** Porto Alegre, vol. 10, n°1.

WAGNER, A. FALCKE, D. & DIEHL, J. A. (2002) Satisfação conjugal na atualidade. In. WAGNER, A. (org). **Família em cena: tramas, dramas e transformações.** Petrópolis, Vozes.

WAGNER, A. (2002) Possibilidades e potencialidades da família – a construção de novos arranjos a partir do recasamento. In. WAGNER, A.

(org). **A família em cena: tramas, dramas e transformações**. Petrópolis, Vozes.

ZORDAN, E. P. (2003) **O casamento na contemporaneidade: motivos, expectativas, atitudes e mitos**. Dissertação de mestrado, PUC-RS.